

# HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

3 E 4 DE OUTUBRO DE 2019

PROGRAMA E RESUMOS\_

ORGANIZAÇÃO\_

ICNOVA NOVA FCSH  
PROJETO DE INVESTIGAÇÃO  
PTDC/COM-JOR/28144/2017 –  
PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL

PROGRAMA  
**RESUMOS\_**

## ORGANIZAÇÃO

Instituto de Comunicação da Nova -ICNOVA  
Projeto Para uma história do jornalismo em Portugal (PTDC/COM-JOR/28144/2017)  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa – NOVA FCSH

## COMISSÃO CIENTÍFICA

**Alberto Pena Rodríguez**

Universidade de Vigo

**Ana Cabrera**

NOVA FCSH e IHC

**Ana Isabel Reis**

FLUP

**Ana Teresa Peixinho**

FLUC

**Anabela de Sousa Lopes**

ESCS.IPL e ICNOVA

**Carla Baptista**

NOVA FCSH e ICNOVA

**Carla Rodrigues Cardoso**

Universidade Lusófona

**Carlos Camponez**

FLUC

**Eurico Dias**

ISP

**Helena Lima**

FLUP

**Jacinto Godinho**

NOVA FCSH e ICNOVA

**Jorge Pedro Sousa**

UFP e ICNOVA

**Maria Inácia Rezola**

NOVA FCSH e IHC

**Maria José Mata**

ESCS.IPL e ICNOVA

**Nelson Ribeiro**

UCP

**Nuno Bessa Moreira**

FLUP

**Paulo Faustino**

FLUP

**Renato Pinto Ferreira**

ICNOVA

**Rogério Santos**

UCP

**Suzana Cavaco**

FEP

## COMISSÃO ORGANIZADORA

**Carla Baptista**

NOVA FCSH e ICNOVA

**Jorge Pedro Sousa**

UFP e ICNOVA

**Natália Honório Manso**

ICNOVA – Secretariado

**Patrícia Contreiras**

ICNOVA – BGCT

**Renato Ferreira**

ICNOVA

## LOCALIZAÇÃO

Campus de Campolide da Universidade Nova de Lisboa  
Rua da Mesquita  
Lisboa, Portugal

## CONTACTOS

(web)

[historiadjornalismo.fcs.unl.pt](http://historiadjornalismo.fcs.unl.pt)

(e-mail)

historiadjornalismoemp Portugal@gmail.com

(telef.)

+ 351 217 908 300

A edição deste livro de Resumos é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.

# HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL\_

## APRESENTAÇÃO\_

Nunca foi elaborada uma história do jornalismo em Portugal. Esta primeira conferência internacional dedicada a este tema pretende contribuir para a construção dessa história. Organizada no âmbito do projeto “Para uma história do jornalismo em Portugal” (PTDC/COM-JOR/28144/2017), a conferência partilha os seus objetivos, a saber:

1. Construir, diacronicamente, uma história cronológica e narrativa do jornalismo português que leve em conta, sincrónica e contextualmente, condicionalismos normativos, políticos, económicos e culturais e de modelo de negócio;
2. Realçar exemplos que documentem a evolução das práticas jornalísticas e do discurso jornalístico em Portugal, inferindo, a partir dos exemplos discursivos e da praxis jornalística, qual foi a influência do jornalismo na sociedade portuguesa, em especial na esfera pública;
3. Produzir uma história dos jornalistas em Portugal que apure as mudanças ocorridas no conceito de “jornalista” e nas competências exigidas aos jornalistas e que apure, igualmente, os reflexos que essas mudanças tiveram no jornalismo, no recrutamento de jornalistas e na influência, posição e papel social do jornalismo e dos jornalistas;
4. Periodizar a evolução do jornalismo português comparando-a com a evolução do jornalismo noutros países ocidentais, tendo em conta o contexto legal, político, económico e cultural.

# PROGRAMA

## QUINTA-FEIRA

# 03/10\_

**09:00**

AUDITÓRIO CGD

**Acreditações**

Nota:

Reunião dos investigadores do projeto no Auditório CGD

**10:45 - 11:30**

AUDITÓRIO CGD

**ABERTURA OFICIAL**

**Francisco Rui Cádima**

Coordenador do ICNOVA

**Jorge Pedro Sousa**

IR do projecto "Para uma história do jornalismo em Portugal" (ICNOVA e UFP)

**Carla Baptista**

Co-IR do projeto "Para uma história do jornalismo em Portugal" (ICNOVA e NOVA FCSH)

**11:30 - 12:30**

AUDITÓRIO CGD

**CONFERÊNCIA PLENÁRIA I \***

Comment s'est construite l'histoire du journalisme, en France?  
com

**Christian Delporte**

Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines – UVSQ

**Moderação\_**

**Carlos Camponez**

FLUC

*\* Conferência em francês*

**12:30 - 14:30**

INTERVALO

**14:30 - 16:00**

SESSÕES PARALELAS

### **HISTÓRIA DA IMPRENSA (I)**

AUDITÓRIO CGD

#### **Moderação\_**

**Maria Inácia Rezola** (IHC e ESCS/IPL)

com

**Pedro Almeida Leitão** (CITCEM –Faculdade de Letras da Universidade do Porto): A publicidade e o desenvolvimento da imprensa de massas em Portugal: os casos dos periódicos *Diário de Notícias*, *O Século* e *O Primeiro de Janeiro*

**Helena Lima** (FLUP)

A cobertura das eleições no período revolucionário: procedimentos jornalísticos da imprensa portuguesa num ambiente vincadamente ideológico

**Pamela Peres Cabreira** (IHC/NOVA FCSH)

Boletins e jornais operários no pós 25 de Abril: mudanças e perspectivas (1974-1976)

**João Francisco Vasconcelos e Sousa** (ESCS/IPL)

Luta política na imprensa durante o PREC – O caso do Mundo da Canção

**Pedro Marques Gomes** (IHC – NOVA FCSH e ESCS-IPL)

A imprensa em debate na Assembleia Constituinte (1975-1976)

### **HISTÓRIA DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS**

SALA CAN 217

#### **Moderação\_**

**Maria José Mata** (ESCS.IPL e ICNOVA)

com

**José das Candeias Sales** (U. Aberta; CHUL) e **Susana Mota** (CHAM, NOVA FCSH)

Agência Latino-Americana: um contributo para a história das agências de notícias em Portugal

**Renato Pinto Ferreira** (ICNOVA)

O caminho até à primeira agência de notícias de Portugal

**Renato Pinto Ferreira** (ICNOVA)

1982 – a criação da NP e a não extinção da ANOP

**Juliana Lisboa** (Unisinos)

A prática jornalística na Agência Lusa - tradição associada à aposta editorial

### **PERSPETIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO**

SALA CAN 219

#### **Moderação\_**

**Ana Cabrera** (IHC-UNL)

com

**Nuno Bessa Moreira** (ULP; CITCEM/FLUP) e **Eurico Gomes Dias** (ISCSPI; CEPESE)

A relevância da discussão teórico-epistemológica de factos e fontes como construções

**Álvaro Costa de Matos** (IHC e ICNOVA/FCSH)

Para uma nova Epistemologia da História da Imprensa Portuguesa: uma aproximação teórica ao problema

**Nuno Bessa Moreira** (ULP; CITCEM/FLUP) e **Eurico Gomes Dias** (ISCSPI; CEPESE)

A interligação entre a História do Tempo Presente e a longa duração para a História do Jornalismo: uma proposta

**16:00 - 16:30**

INTERVALO

**16:30 - 19:00**

SESSÕES PARALELAS

### **HISTÓRIA DOS JORNALISTAS**

AUDITÓRIO CGD

#### **Moderação\_**

**Carla Rodrigues Cardoso** (ULHT)

com

**Clara Michele Brüheim** (ICNOVA)

A Identidade Profissional dos Jornalistas no final do século XIX e início do séc. XX, em Portugal

**Carla Ribeiro** (CITCEM – UP e ESE/IPP)

António Ferro, o jornalismo literário e a estética modernista como forma de construção da realidade

**Cláudia Henriques** (CECS/UM)

Dos “rapazes da rádio” ao direito à palavra “jornalista”: a formação e a profissionalização dos jornalistas radiofónicos em Portugal

**Carla Baptista** (NOVA FCSH/ICNOVA)

25 de novembro de 1975 – o papel dos jornalistas e os efeitos sobre os meios de comunicação social

**João Miranda** (CEIS 20/FLUC)

O papel dos jornalistas portugueses na regulação da informação: enquadramento histórico e perspetivas de futuro

**Rui Carlos Linhares Bettencourt Coutinho** (ESCS/IPL)

A atribuição de créditos de autoria nas imagens editoriais

**16:30 - 18:00**

## HISTÓRIA DO RADIOJORNALISMO

SALA CAN 217

**Moderação\_**

Helena Lima (FLUP)

com

**Rogério Santos** (Universidade Católica Portuguesa) e **Nelson Ribeiro** (Universidade Católica Portuguesa)

A rádio segundo o jornalista Álvaro de Andrade

**Nelson Ribeiro** (Universidade Católica Portuguesa) e **Rogério Santos** (Universidade Católica Portuguesa)

O nascimento do Serviço de Noticiários do Rádio Clube Português: a criação de um modelo comercial de radiojornalismo

**Ana Isabel Reis** (Universidade do Porto)

A rádio de microfone aberto - Contributos para uma história do radiojornalismo das ‘Piratas’ às Locais

**Luís Bonixe** (Instituto Politécnico de Portalegre e ICNOVA)

O jornalismo nas rádios locais portuguesas: entre o localismo e a alternativa às rádios

nacionais

**Ana Sofia Paiva** (NOVA FCSH) e **Ricardo Morais** (UBI)

“A rádio que mudou a rádio”: a TSF-Rádio Notícias, o passado e o futuro do radiojornalismo em Portugal

**16:30 – 18:00**

## HISTÓRIA DO JORNALISMO AUDIOVISUAL

SALA CAN 219

**Moderação\_**

Eurico Gomes Dias (ISCSP; CEPESE)

com

**Jacinto Godinho** (NOVA FCSH)

Jornais de actualidades cinematográficas no período do Estado Novo: cinejornalismo ou cinepropaganda?

**Anabela de Sousa Lopes** (ESCS/IPL)

A informação não diária no prime time da RTP, SIC e TVI: 10 anos de coexistência

# SEXTA-FEIRA

# 04/10\_

**09:45- 11:15**  
SESSÕES PARALELAS

**08:30**  
AUDITÓRIO CGD  
Acreditações

**09:00 - 09:45**  
AUDITÓRIO CGD  
**CONFERÊNCIA PLENÁRIA II - JORNALISMO PORTUGUÊS NO MUNDO**  
com

**Alberto Pena Rodríguez**  
(Universidade de Vigo e Universidade de Coimbra)  
**Um “negócio de poetas”: editores pioneiros do jornalismo português nos Estados Unidos**  
**Antonio Hohlfeldt**  
(PPGCom-FAMECOS-PUCRS)  
**O jornalismo português e espanhol em suas colônias: história comparada e metodologia de análise\***

*[\*Esta comunicação será apresentada por Jorge Pedro Sousa, por impossibilidade de comparência do autor.]*

**Moderação\_**  
**Nelson Ribeiro**  
Universidade Católica Portuguesa

**HISTÓRIA DO JORNALISMO ICONOGRÁFICO (I)**

AUDITÓRIO CGD

**Moderação\_**  
Jacinto Godinho (NOVA FCSH e ICNOVA)  
com

**Jorge Pedro Sousa** (Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA)

Apontamentos sobre a génese da cobertura gráfica da atualidade em Portugal: da xilogravura ao fotojornalismo (1835-1914)

**Jorge Pedro Sousa** (Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA)

Iconografia do progresso técnico português em sete revistas ilustradas do Fontismo (1851-1887)

**Eduardo Cintra Torres** (FCH, UCP)

A ilustração na imprensa popular portuguesa (1895-1909)

**Maria José Mata** (ESCS-IPL e ICNOVA)

A iconografia jornalística do poder na alvorada da Ditadura Militar em Portugal

**Filomena Serra** (NOVA FCSH e IHA) e **Israel Guarda** (NOVA FCSH, IHA, ISCTE-IUL, CRIA)

Para uma história do *Século Ilustrado*: das fotografias de propaganda às contra-imagens de oposição ao regime

**HISTÓRIA DA IMPRENSA (II)**

SALA CAN 217

**Moderação\_**  
Anabela de Sousa Lopes (ESCS.IPL e ICNOVA)  
com

**Ana Cristina Cruz** (Associação Portuguesa de Imprensa) e **João Palmeiro** (Associação Portuguesa de Imprensa)

Os jornais centenários em Portugal – Um acervo único, candidato a Memória do Mundo/Unesco

**Mário Matos e Lemos** (CEIS 20 – Universidade de Coimbra)  
1924 e 1927 – Dois momentos perturbadores na vida do *Diário de Notícias*

**Mário Matos e Lemos** (CEIS 20 – Universidade de Coimbra)  
A imprensa dos revoltosos de 1931  
**José Guilherme Victorino** (Universidade Autónoma de Lisboa)  
A disputa entre os semanários *Fradique* e *Bandarra* em 1934-35: suas possíveis causas e consequências

**João Palmeiro** (Associação Portuguesa de Imprensa)  
Um arquivo esquecido – o acervo do armazém do Pendão-Queluz e a sua importância para a história do jornalismo português

## HISTÓRIA DO CIBERJORNALISMO

SALA CAN 219

### Moderação\_

Ana Isabel Reis (Universidade do Porto)  
com

**Suzana Cavaco** (Faculdade de Economia da Universidade do Porto)

No papel e no digital: os casos *Diário de Notícias* e *Público*

**Maria Assunção G. Duarte** (NOVA FCSH)  
Ciberjornalismo em Portugal: narrativas visuais para nativos digitais

**Pedro Jerónimo** (Universidade da Beira Interior / LabCom.IFP e CECS)  
História do ciberjornalismo de proximidade em Portugal

**Samanta Souza Fernandes** (UFP)  
Blogues de Jornalismo de Viagens em Portugal: uma história

**Anabela de Sousa Lopes** (ESCS-IPL e ICNOVA) e **Júlia Leitão de Barros** (ESCS-IPL)

A inscrição no tempo dos perfis online: Haddad e Bolsonaro no *Expresso* e no *Público*

**11:15- 11:30**

INTERVALO

**11:30- 13:00**

SESSÕES PARALELAS

## HISTÓRIA DO JORNALISMO ICNOGRÁFICO (II)

AUDITÓRIO CGD

### Moderação\_

Maria José Mata (ESCS-IPL e ICNOVA)  
com

**Félix Caballero Wangüemert** (Universidade de Vigo)

La prensa de humor en Portugal en el siglo XX: los casos de *Sempre Fixe* e *A Mosca*. Paralelismos con *La Codorniz* y *Hermano Lobo* en España

**Sónia Rafael** (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa)

O design editorial na imprensa: do pós-25 de Abril à contemporaneidade

**Milton Cappelletti** (Universidade de Vigo)  
Design de Informação e eleições: análise da evolução das infografias dos resultados das eleições legislativas no jornalismo impresso em Portugal

**Fátima Lopes Cardoso** (ESCS-IPL e ICNOVA): Do pós-25 de Abril à era digital: 45 anos de fotojornalismo português

**Maria Filomena Barradas** (Instituto Politécnico de Portalegre): A imagem fotográfica no *Independente* e na *K* (1988-1992): um estudo exploratório

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (III)

SALA CAN 217

### Moderação\_

Suzana Cavaco (Faculdade de Economia da Universidade do Porto)  
com

**João Palmeiro** (Associação Portuguesa de Imprensa)

Imprensa e constitucionalismo, uma concorrência ou uma dependência?

**Marcelo Cheche Galves** (Universidade Estadual do Maranhão)

*O Conciliador do Maranhão*: ideias, leitores e interlocutores

**Helena Lima** (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e **Jorge Pedro Sousa** (Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA)

*Diário de Notícias*, a successful Portuguese journalism project in an adverse environment

**Luís Carvalho** (Universidade Nova de Lisboa)

O jornal *A Voz do Operário* aos 140 anos de idade: sobrevivente de uma memória apagada

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (IV)

SALA CAN 219

**Moderação\_**

**Alberto Pena Rodríguez** (Universidade de Vigo e Universidade de Coimbra)

com

**Joaquim Cardoso Gomes** (ICNOVA)

A imprensa do Porto na Ditadura Militar (1926- 1927)

**Joaquim Cardoso Gomes** (ICNOVA)

A grande imprensa do Porto e o Estado Novo (1933-1968)

**Priscilla Piccolo Neves** (CEIS20 –

Universidade de Coimbra)

O Tribunal de Nuremberga através das páginas do *Diário de Notícias*

**Sónia Lamy** (Instituto Politécnico de

Portalegre, ICNOVA), **Adriana Guimarães**

(Instituto Politécnico de Portalegre), **Nuno**

**Fernandes** (Instituto Politécnico de

Portalegre) e **Luís Bonixe** (Instituto

Politécnico de Portalegre, ICNOVA)

*O Distrito de Portalegre*: a produção jornalística no contexto regional e local

**13:00- 14:30**

INTERVALO

**14:30- 16:00**

SESSÕES PARALELAS

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (V)

AUDITÓRIO CGD

**Moderação\_**

**Carla Baptista** (NOVA FCSH e ICNOVA)

com

**Júlia Leitão de Barros** (ESCS/IPL)

Censura: ideologia em acção **Gonçalo**

**Pereira Rosa** (CECC/UCP)

O Portugal-Inglaterra de 1946 e o Vale dos Caídos de 1965: Rupturas excepcionais na censura da imprensa desportiva

**Maria Inácia Rezola** (ESCS-IPL; IHC-UNL)

Ofensa, ultraje, provocação... Os cortes da censura na alvorada do Marcelismo

**Elsa Costa e Silva** (CECS – Universidade do Minho)

A história da imprensa portuense: o «Crime da Rua do Sol» e o novo jornalismo dos anos 60

**Ana Cabrera** (IHC/UNL)

O jornalismo português na cobertura das eleições de Humberto Delgado

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (VI)

SALA CAN 217

**Moderação\_**

**Renato Pinto Ferreira** (ICNOVA)

com

**Clara Sanz Hernando** (UCLM)

Mucho ruido y pocas nueces. La anodina cobertura mediática del viaje de Marcelo Caetano a España

**Carla Rodrigues Cardoso** (ULHT)

*Observador*: a newsmagazine da Primavera Marcelista

**Werbeth Serejo Belo** (CEIS20/UC)

Bloco histórico em crise: Analisando o *Diário de Lisboa* – um movimento de contra-hegemonia?

**Jair Rattner** (ICNOVA)

O satírico na imprensa das unidades militares durante a guerra colonial

**Leonardo Leal Chaves** (CEIS 20 – Universidade de Coimbra)

Colaboração e vigilância entre os regimes: uma análise dos dossiês sobre o jornal Portugal Democrático depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (1971-

1974)

## O DISCURSO JORNALÍSTICO NA HISTÓRIA (I)

SALA CAN 219

### Moderação\_

Ana Teresa Peixinho (Universidade de Coimbra | CEIS20)

com

### Alessandra Rodrigues Oliveira Curado

(Universidade Federal de Goiás – UFG)

A representação do antilusitanismo no Brasil a partir da análise de *A Matutina Meiapontense* (1830-1834)

### Eurico Gomes Dias (ICPOL-ISCP)

Primeiros esboços do Romantismo literário na imprensa periódica portuguesa (1830-1840)

### João Pedro Costa (CESEM – NOVA FCSH)

Uma abordagem ao discurso jornalístico-musical atendendo aos públicos-alvo da imprensa eborense (1887-1910)

### Isabel Pina (CESEM/NOVA FCSH)

“O que representa a música para nós como forma de cultura, em que medida a prezamos, como a conseguimos valorizar”: a crítica musical enquanto crítica nacional na imprensa periódica do século XX

**16h00 – 16h30**

INTERVALO

**16h30 – 18h00**

SESSÕES PARALELAS

## O DISCURSO JORNALÍSTICO NA HISTÓRIA (II)

AUDITÓRIO CGD

### Moderação\_

Ana Teresa Peixinho (Universidade de Coimbra | CEIS20)

com

### Inês Fonseca Marques (Faculdade de

Letras da Universidade de Coimbra)

A morte de políticos no *Diário de Notícias*:

para uma análise diacrónica da narrativa jornalística

### Monica Piccolo Almeida Chaves (UEMA)

A Revolução Agrária no Alentejo por meio das páginas do *Diário de Alentejo* (1974/1976)

### Celiana Azevedo (NOVA FCSH e ICNOVA)

Um Verão Quente no *Diário de Notícias*: Uma profunda análise do DN durante o Processo Revolucionário em Curso – 1975

### Patrícia Teixeira (ICNOVA) e Inês Aroso (UTAD)

É goooooooooooooo! O discurso jornalístico dos jornais desportivos portugueses na ‘hora’ de noticiar os triunfos lusos: o caso da vitória de Portugal no Euro2016

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (VII)

SALA CAN 219

### Moderação\_

Renato Pinto Ferreira (ICNOVA)

com

### Cláudia Pereira (FLUC)

Quebra de fronteiras: consequências da incorporação de formatos híbridos em media jornalísticos

### Nilton Marlúcio de Arruda (UFP)

A retratação do horror sem imagem alguma: os incêndios de Pedrógão como uma virada de página no jornalismo português

### Nilton Marlúcio de Arruda (UFP)

*Diário Público* e o menino morto na praia: editorial para tornar suportável uma imagem insuportável

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (VIII)

SALA CAN 217

### Moderação\_

Nuno Bessa Moreira (ULP/CITCEM/FLUP)

com

### Mariana Calado (CESEM/NOVA FCSH)

A imprensa sobre música em Portugal, de meados do século XIX a 1950

### Jaime Lourenço (CIES/ISCTE-IUL) e

Maria João Centeno (ESCS-IPL e ICNOVA)

Imprensa portuguesa sobre cinema: uma

retrospectiva

**Ilo Alexandre** (ICNOVA e NOVA FCSH)

Contando réis: histórias de jornalismo de dados na imprensa portuguesa do século XIX

# RESUMOS

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (I)

### A PUBLICIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA DE MASSAS EM PORTUGAL: OS CASOS DOS PERIÓDICOS *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, *O SÉCULO* E *O PRIMEIRO DE JANEIRO*

Pedro Almeida Leitão

CITCEM – Faculdade de Letras da  
Universidade do Porto

A «fase industrial da imprensa» em Portugal, como lhe chamou José Tengarrinha, teve início com o lançamento do *Diário de Notícias* em 1864. Este periódico introduziu e consolidou um novo modelo económico no negócio jornalístico, caracterizado por elevadas tiragens e baixo preço de aquisição para o consumidor. Pretendia-se desta forma chegar a um vasto público e interessar o maior número de leitores. O jornal converte-se, assim, num meio apetecível para veicular mensagens publicitárias ao grande público, através dos anúncios incluídos nas suas páginas. Por sua vez, a publicidade torna-se uma importante fonte de receitas para os jornais, financiando uma parte considerável dos seus custos operacionais e permitindo os baixos preços de venda praticados. Nesta comunicação, apresentaremos três casos de estudo, três periódicos que ilustram como a publicidade contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da imprensa de massas em Portugal: *Diário de Notícias*, *O Século* e *O Primeiro de Janeiro*. A seleção destes três títulos justifica-se pela dimensão que os dois primeiros adquiriram a nível nacional (disputando o título de diário mais vendido no início do século XX) e pelo pioneirismo e relevância regional do último, nomeadamente no Norte do país. Através da documentação publicada sobre estes títulos e da investigação realizada nos arquivos das empresas suas proprietárias (particularmente no caso de *O Século*) analisaremos a forma como a publicidade foi encarada pelas respetivas administrações no desenvolvimento do negócio jornalístico. Devido à escassez de

fontes nos arquivos privados que nos possibilitem a construção de séries estatísticas e de índices evolutivos, recorreremos às contas do Imposto do Selo, particularmente aos valores provenientes do tributo aplicado sobre as inserções publicitárias na imprensa, para descrever a evolução do mercado publicitário desde 1864 até ao início do Estado Novo.

### A COBERTURA DAS ELEIÇÕES NO PERÍODO REVOLUCIONÁRIO: PROCEDIMENTOS JORNALÍSTICOS DA IMPRENSA PORTUGUESA NUM AMBIENTE VINCADAMENTE IDEOLÓGICO

Helena Lima

Faculdade de Letras da Universidade do  
Porto - FLUP

Este estudo coloca a hipótese de que a cobertura jornalística de um acontecimento de grande impacto jornalístico, como uma campanha eleitoral, poder ser contaminada por um contexto ideológico tendencioso. Trata-se de um projeto em curso que tem sido realizado através da análise da imprensa portuguesa e pretende debater procedimentos e valores jornalísticos neste contexto particular. As primeiras eleições democráticas tiveram lugar no dia 25 de Abril de 1975. A imprensa portuguesa teve a oportunidade, pela primeira vez em quase 50 anos, de cobrir este momento histórico num ambiente de liberdade de expressão. Contudo, a evolução política que se seguiu caracterizou-se por uma política revolucionária muito radicalizada e marcada por uma grande instabilidade social, nomeadamente pela evolução do PREC (Processo Revolucionário em Curso). A imprensa foi fortemente influenciada pela extrema esquerda, cujo poder aumentou através das nacionalizações (Mesquita, 1996, Lima, 2015), o que colocou os media noticiosos no centro do turbilhão revolucionário. Os jornais foram palco da luta pelo controle da informação e as organizações políticas ganharam influência dentro das redações. Apesar da onda revolucionária, e como inicialmente foi prometido, as primeiras eleições democráticas ocorreram em 25 de abril de 1975. O objetivo deste estudo é

entender os procedimentos noticiosos em relação à campanha eleitoral e quais as estratégias de cobertura jornalística para este tema da agenda política. Este estudo de caso procura também identificar possíveis estruturas discursivas decorrentes do clima político vivido naquele período. A metodologia passa pela análise de estratégias editoriais, tendo em consideração os procedimentos jornalísticos como os formatos, as fontes de notícias e elementos discursivos. Sendo um projeto em curso, é possível apresentar alguns resultados resultantes da análise de vários jornais diários e também da publicação semanal mais importante, o *Expresso*.

## **BOLETINS E JORNAIS OPERÁRIOS NO PÓS 25 DE ABRIL: MUDANÇAS E PERSPECTIVAS (1974-1976)**

**Pamela Peres Cabreira**  
IHC/NOVA FCSH

Ao longo de 48 anos de ditadura, representada nas faces do que se categoriza como Estado Novo, a censura foi uma das ferramentas mais utilizadas na supressão dos direitos civis, do direito à liberdade de expressão e imprensa. Para além de cortes, totais ou parciais, sanções foram aplicadas, suspensões e proibições de diversos meios de comunicação. Com a ruptura a partir do 25 de Abril de 1974, uma sublevação da ordem estabelecida traria novas possibilidades para a circulação de informações e para o jornalismo em Portugal. Desta feita, objetiva-se neste artigo apresentar e problematizar alguns dos novos boletins e jornais que floresciam em diversas fábricas espalhadas pelo país, sobretudo em empresas que firmaram controle operário e autogestão. Pretende-se analisar, metodologicamente, algumas fontes históricas deste período: a) os boletins: *A Força Operária* (lanifícios e têxteis) e o *Boletim Informativo* que abrangeu diversos setores; b) os jornais: *Jornal dos Trabalhadores Desempregados da Applied*, o *Jornal Combate*, e o *Jornal da Sogantal*. Pretende-se demonstrar, a partir destas fontes, como as novas condições de possibilidade abertas pelo processo revolucionário foram capazes de disseminar uma onda de lutas, reivindicações e disseminação da

informação nunca vistos anteriormente no país. A escolha destas fontes não é ao acaso. Elas retratam uma maioria de lutas protagonizadas por operárias, interligando uma repressão duplamente intensificada ao longo do regime, tanto em relações de género quanto à censura da imprensa. Como resultados parciais, aponta-se que estes boletins e jornais foram usados para registrar e transmitir informações mas não só. Também tinham como objetivo interligar e interagir entre empresas, visando amadurecer um diálogo potencializador de lutas de acordo com cada um de seus segmentos. A importância de trazer ao debate a viragem de sistema e as novas condições de luta através da imprensa é fundamental no aprofundamento do conhecimento histórico deste período.

## **LUTA POLÍTICA NA IMPRENSA DURANTE O PREC – O CASO DO MUNDO DA CANÇÃO**

**João Francisco Vasconcelos e Sousa**  
ESCS/IPL

“O Mundo da Canção (MC) foi sempre uma revista reaccionária, [onde] uns poucos intelectuais pequeno-burgueses davam largas à sua imaginação provocatória”. Por estranho que possa parecer, quem escreveu esta frase não foi um detractor do MC mas sim aquele que era, à época, o director da revista. O excerto pertence ao editorial da primeira edição do MC após o 25 de Abril de 1974 e marca o início de uma inflexão à esquerda na linha editorial da publicação, no contexto da radicalização política então em marcha em Portugal. Através da análise dos sete números do MC entre a Revolução e a chamada normalização política (ou seja, entre Abril de 1974 e Abril de 1976), pretende-se nesta proposta contribuir para o estudo da história da Imprensa em Portugal durante o PREC. Fundado em 1969, o MC assumiu desde o início um cariz de oposição ao Estado Novo, embora facetas como a divulgação dos chamados “baladeiros” (nomes como José Afonso ou Sérgio Godinho) coexistissem, nas páginas da revista, com a divulgação da música “pop” estrangeira. Contudo, a partir do 25 de Abril dá-se uma mudança radical: os editoriais começam a citar com frequência líderes

revolucionários como Lenine ou Mao tsé-Tung e os artigos, agora dedicados em exclusivo à chamada música de intervenção, passam a incluir vocabulário de índole marxista e a advogar a construção do socialismo. Porém, estas mutações não ocorreram de forma pacífica: alguns dos redactores eram próximos do PCP e outros do MRPP, pelo que a revista passou também a ser palco de intensa disputa política. Antigos camaradas de redacção, que até aí partilhavam um passado oposicionista comum, digladiavam-se agora nas páginas do MC, acusando-se mutuamente de serem “fascistas” ou “imperialistas”, numa luta pela hegemonia da revista e da sua linha editorial. Por constituir um testemunho ímpar acerca da realidade da Imprensa no período revolucionário, o caso do MC reveste-se de uma importância incontornável para a História do Jornalismo em Portugal.

## **A IMPRENSA EM DEBATE NA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE (1975-1976)**

**Pedro Marques Gomes**

IHC – NOVA FCSH e ESCS-IPL

Passados mais de quarenta anos sobre as eleições para a Assembleia Constituinte (AC), esta continua, em grande medida, por estudar. Com excepção de trabalhos no domínio jurídico-constitucional, são ainda escassas as investigações relativas ao tema, o que leva a historiadora Maria Inácia Rezola a considerar que a AC “continua a ser a grande esquecida na história da revolução e da institucionalização da democracia” (Rezola, 2016: 75). Todavia, a sua importância é inquestionável. José Medeiros Ferreira, um dos pioneiros no estudo da Assembleia Constituinte, de que foi também deputado pelo Partido Socialista (PS), lembra que esta “desempenhou, simultaneamente, duas funções: foi constituinte do regime democrático pluralista, pela génese eleitoral que esteve na sua origem e pela acção política da maioria dos seus deputados, e ainda elaborou a Constituição da República” (Medeiros Ferreira, 2001: 163). Entre 1975 e 1976 verificou-se um intensíssimo trabalho nas treze comissões

especiais da AC que prepararam o articulado constitucional, depois discutido e votado em sessões plenárias. O debate esteve ainda presente num período inicial – intitulado “Antes da Ordem do Dia” – para discussão, entre os deputados, de assuntos diversos. O resultado traduziu-se em acesos, e não raras vezes duros, debates entre facções políticas opostas acerca dos problemas que marcaram o processo revolucionário português. Muitos deles acompanhados pela imprensa da época, que chega, inclusivamente, a criar secções diárias dedicadas exclusivamente ao assunto.

Um dos temas sucessivamente abordados pelos deputados constituintes é da Imprensa e, em particular, os que envolviam um debate sobre a «Liberdade de Imprensa». Questão basilar do novo regime em construção, sobre ela muitos deputados afirmaram posições, entrando, não raras vezes, em confronto.

Com esta comunicação pretendemos analisar as intervenções, no seio da Assembleia Constituinte (através dos diários da AC), acerca da temática da Liberdade de Imprensa, focando, especificamente, alguns casos que ocorreram nos órgãos de comunicação social e que suscitaram esses debates.

## **HISTÓRIA DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS**

### **AGÊNCIA LATINO-AMERICANA: UM CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS EM PORTUGAL**

**José das Candeias Sales**

**Susana Mota**

Universidade Aberta; CHUL

Universidade NOVA de Lisboa, CHAM

No âmbito do Projecto de Investigação intitulado *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, na área da Recepção da Antiguidade, dedicado à identificação, recolha e análise das notícias publicadas nos periódicos portugueses sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon, confrontámo-nos com a necessidade de aprofundar o nosso conhecimento sobre a

realidade da imprensa portuguesa nas décadas de 20 e 30 do Século XX, designadamente no que respeita às agências de notícias. Neste domínio, acabámos por detectar algumas lacunas e/ou imprecisões que, por terem implicação na nossa investigação de base, procurámos compreender e solucionar. Isto verificou-se, por exemplo, com a Agência Radio, de Alejo Carrera Muñoz, mas também com uma outra agência noticiosa, supostamente portuguesa, para além da Radio, sobre a qual a bibliografia é igualmente omissa ou pouco rigorosa: a Agência Latino-Americana. Apesar de uma presença constante nos jornais portugueses durante cerca de um ano – entre o fim de 1921 e o fim de 1922 –, aquela que, segundo os nossos dados, é, de facto, a primeira agência de notícias portuguesa, não só nunca é identificada como tal, como até parece ter passado totalmente despercebida aos estudiosos da matéria. Assim, tendo como fontes essenciais os jornais da época (principalmente portugueses, mas também brasileiros), e alguns dados esparsos que a investigação permitiu recolher, procuraremos reconstituir a história da Agência Latino-Americana, considerando igualmente a biografia da sua proprietária (a reconhecida jornalista e publicitária Virgínia Quaresma) e a empresa publicitária sua homónima e que estará na sua origem.

## **O CAMINHO ATÉ À PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE PORTUGAL**

**Renato Pinto Ferreira**

ICNOVA

Desde o aparecimento da primeira agência de notícias do mundo, a Havas, em França, até à criação da Lusitânia, em Portugal, em 1944, passaram 109 anos. Esta comunicação pretende fazer a contextualização histórica do caminho percorrido para que surgisse a primeira agência de notícias portuguesa. O nosso objectivo é situar essa agência, a Lusitânia, no panorama das agências internacionais que existiam na década de 40 do século XX a atuar em Portugal, e mostrar as principais dificuldades que Luís Caldeira Lupi teve em concretizar a sua ideia. Almejamos também referenciar quem foram as figuras do Estado Novo que possibilitaram o

aparecimento da primeira agência de notícias portuguesa, mostrando quais seriam, para essas figuras, os principais designios da mesma. Pela relação da Lusitânia com os órgãos de comunicação social portugueses existentes então, conseguiremos ainda, assim esperamos, contribuir para o debate sobre a liberdade (ou falta dela) e capacidade do jornalismo da altura para mostrar o país e o mundo tal como eles eram.

## **1982 – A CRIAÇÃO DA NP E A NÃO EXTINÇÃO DA ANOP**

**Renato Pinto Ferreira**

ICNOVA

Em 1982, no dia 23 de julho, nove empresas públicas e 12 empresas privadas na área da comunicação social e das telecomunicações assinaram um contrato-promessa para a criação da Cooperativa Porpress, que teria como missão ser responsável pelo aparecimento de uma agência de notícias. Nessa altura existia já uma agência de notícias em Portugal, a ANOP, que tinha sido criada em 1975. 6 dias depois da assinatura desse contrato-promessa tendo em vista a criação da NP, o Conselho de Ministros aprovou a extinção da ANOP. No dia 14 de agosto, o Presidente da República Ramalho Eanes divulga um comunicado solicitando ao primeiro-ministro Pinto Balsemão que cessasse as acções destinadas à extinção dessa agência. Estas opiniões divergentes levariam, depois do veto do Presidente que impediu a extinção da primeira agência de notícias portuguesa depois do 25 de abril, à coexistência de duas agências em Portugal a partir desse ano, situação que se manteve até 1986. Esta comunicação pretende detalhar os acontecimentos de 1982 respeitantes às agências de notícias de Portugal, mostrando alguns argumentos dos dois lados da divergência de ideias referida anteriormente.

## A PRÁTICA JORNALÍSTICA NA AGÊNCIA LUSA - TRADIÇÃO ASSOCIADA À APOSTA EDITORIAL

Juliana Lisboa

Unisinós

Surgidas no século XIX, as agências de notícias são conhecidas por “encurtar” distâncias ao apurar e distribuir notícias em diferentes partes do mundo a partir de operação com especificidades que regem práticas e formatos. Como outras redações jornalísticas, também nessas empresas são estabelecidos fazeres que seguem lógicas internas, o que garante organização própria. Em busca das peculiaridades que dão forma ao jornalismo exercido na Agência Lusa, entrevistei parte da equipe de jornalistas em 2017 durante investigação de doutoramento (“Jornalismo de Agência: a prática de agências nacionais nos países lusófonos - Brasil, Portugal, Moçambique e Angola”, defendida em 2018). Profissionais de todas as editoriais e diferentes funções relataram suas atividades, o modo como apuração, produção e entrega das notícias acontecem. O que almejo apresentar neste artigo é a elaboração destas falas acerca das práticas jornalísticas que demonstrem a experiência construída na Lusa. O material, parcialmente tratado na tese, indica pontos como rapidez, correção, concisão, linguagem direta e fluxo informacional contínuo, tradicionais no jornalismo de agência, como integrantes do trabalho. O registro dos relatos, associado a aspectos históricos das agências noticiosas, busca mostrar permanências e evidenciar alterações (e adequações), uma vez que novas dinâmicas são impostas por tecnologias que integram a cadeia de produção e disseminação do conteúdo. Este fazer entranhado na redação da Lusa ganha ainda contornos a partir de decisões editoriais. O apontamento destas relações alimenta o debate acerca do noticiário fornecido por agências, apoia uma bibliografia em constante formação, além de dizer sobre marcas de uma empresa que aposta na lusofonia como tema e espaço, pretendendo ser fonte primária de notícias em países de língua oficial portuguesa, com exceção do Brasil.

## PERSPETIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO

### A RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA DE FACTOS E FONTES COMO CONSTRUÇÕES

Nuno Bessa Moreira

Eurico Gomes Dias

ULP; CITCEM/FLUP

ISCSPI; CEPESE

Os factos e os documentos são, algumas vezes, tomados como transparentes, isentando-se uma parte das comunidades científicas da necessidade de discuti-los, nos planos epistemológico, filosófico, historiográfico e ético. Esta comunicação tenta contribuir para esse debate. Este estudo tem por objectivo enfatizar a historicidade e o carácter construído e processual de factos e documentos, entendidos estes como fontes, aproveitando abordagens provenientes das Ciências da Informação, mormente da arquivística, da história da historiografia e da história do jornalismo. Da primeira procura-se extrair os esforços de classificação, tratando a segunda as dimensões em investigação como conceitos historiográficos operatórios, e abordando a terceira as notícias, sua génese, evolução e as teorias nelas envolvidas, na linha de Nelson Traquina e outros.

Este trabalho divide-se em duas partes. Na primeira analisam-se as teses clássicas de Paul Otlet e os contributos mais recentes da arquivística para a distinção entre documentos e fontes, sublinhando a importância das perspectivas diferentes de Elton ou E. H. Carr sobre os factos históricos. Na segunda parte estuda-se um livro recente do historiador João Luís Lisboa, intitulado *E então se? A história que (se) conta é problemática*, no qual o autor afirma o carácter construído na elaboração do conhecimento histórico, ao arrepio de um empirismo ingénuo, mas afirmando a necessidade da procura da verdade, entendida como algo relativo e relacional. Factos e argumentos interpenetram-se sem

perder as suas particularidades. João Luís Lisboa centra-se menos na natureza dos factos do que no seu impacto ou estatuto, salvaguardando a necessidade da multiplicidade de perspectivas e do contraditório. O que conta como factual, para além da sua verdade ou falsidade na era das *Fake news*.

Esta comunicação tenta demonstrar a importância da discussão epistemológica de factos e fontes, esperando que possa ser útil para a concretização de uma história do jornalismo português.

### **PARA UMA NOVA EPISTEMOLOGIA DA HISTÓRIA DA IMPRENSA PORTUGUESA: UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA AO PROBLEMA**

**Álvaro Costa de Matos**

IHC e ICNOVA/FCSH

As histórias da imprensa periódica portuguesa, sejam gerais ou mais monográficas, padecem, no seu grosso, de um problema a que eu chamaria de “epistémico”. O problema reside no peso que a condicionante política tem na feitura dos estudos sobre a história do nosso jornalismo, obnubilando as outras condicionantes, a cultural, a mental, a económica e a social. Não raras vezes somos confrontados com trabalhos cuja metodologia tem por base: (1) uma escolha de acontecimentos políticos importantes; (2) a análise da forma como os jornais mais conhecidos os trataram; e, por último (3) algumas conclusões sobre a cobertura jornalista daqueles factos políticos. Ora, isto é manifestamente insuficiente para fazer uma história global da imprensa em Portugal. Torna-se, portanto, necessário uma nova epistemologia para suprimir as lacunas aqui identificadas, plasmada, consequentemente, numa nova atitude heurística e hermenêutica da imprensa como fonte inesgotável de informação factual acerca de um determinado tempo e espaço e instrumento privilegiado de análise crítica do passado. Por outras palavras: (1) deve-se adoptar uma nova metodologia na reconstituição histórica do jornalismo, dos jornalistas e dos jornais, nas suas múltiplas valências temáticas, atendendo à diversidade das fontes documentais; (2) aquando da interpretação, as fontes têm que ser contextualizadas,

devidamente inscritas no “concreto vivido”, nas suas dinâmicas várias protagonizadas por indivíduos ou grupos de indivíduos que, desta forma, criaram acontecimentos que importa registar e problematizar; (3) a par da contextualização histórica, impõe-se a necessidade teórica e a interdisciplinar com as outras ciências sociais e humanas, ou seja, a “análise das incidências do particular, do abstracto, do doutrinário ou do esquema prévio, sobre a viabilidade da informação objectiva” (Macedo, 2011) Em suma: impõe-se uma epistemologia que à luz, evidentemente, de uma nova problemática esclareça as relações profundas entre a imprensa como meio de expressão, comunicação e polémica dos homens em sociedade e as suas dinâmicas políticas, económicas, sociais e culturais.

### **A INTERLIGAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E A LONGA DURAÇÃO PARA A HISTÓRIA DO JORNALISMO: UMA PROPOSTA**

**Nuno Bessa Moreira**

**Eurico Gomes Dias**

ULP; CITCEM/FLUP  
ISCSPI; CEPESE

Esta comunicação procura cruzar a História da Historiografia com a História e Historiografia do Jornalismo, estabelecendo pontes e respeitando diferenças e proximidades, de modo a ressaltar o carácter problemático de circunscrições de campos científicos e áreas disciplinares, mas também a necessidade dessa tarefa e das delimitações que acarreta, evitando fronteiras rígidas e permitindo uma interdisciplinaridade consciente controlada. O tema escolhido nesta ocasião para materializar o diálogo epistemológico proposto prende-se com a *História do Tempo Presente* e a *História Imediata*, tendo como objetivo central interrogar estas nomenclaturas e denominações, os domínios disciplinares e os conceitos que concitam e colocam em jogo, envolvendo teias e redes complexas e paradoxais. Esta investigação divide-se em duas partes. A primeira estuda um número temático da Revista *Historiografias*, rastreando autores, temas, metodologias, práticas historiográficas, discursos e

representações, enquanto a segunda parte deste trabalho desenvolve as implicações das perspetivas entretanto apuradas num plano amplo, defendendo a necessidade de não desligar a História do Tempo Presente da longa duração, sem dissolver a especificidade de ambas e chamando investigações recentes de David Armitage. A metodologia utilizada assenta numa análise qualitativa de conteúdos e de discursos e assume um viés comparativo e tenta destacar a importância de abordagens teórico-metodológicas para a história do jornalismo e no estudo de fontes.

## HISTÓRIA DOS JORNALISTAS

### A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉC. XX, EM PORTUGAL

Clara Michele Brüheim  
ICNOVA

**Objetivos:** Contextualizar, em termos históricos e sociopolíticos, a profissão de Jornalista nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, em Portugal. Reunir aspetos sobre as especificidades de classe dos profissionais de Jornalismo (quem são, como são recrutados, que habilitações, competências técnicas e sociais lhes são exigidas), da sua atuação no seio das empresas jornalísticas emergentes (a forma de seleção de notícias, a sua relação com o público) e da construção da sua identidade profissional (relevando o papel das Associações profissionais).

**Metodologia:** Na impossibilidade de entrevistar ou questionar os jornalistas da época, a metodologia consistirá na pesquisa bibliográfica de textos (livros, relatórios de conferências, boletins de associações, entre outros).

**Resultados:** Segundo as dimensões dos conceitos de profissão e de identidade profissional, até certo ponto, pode reconhecer-se a existência da identidade da profissão de Jornalista, ou pelo menos a sua génese, a partir do final do século XIX e início do século XX.

**Conclusões:** A haver uma identidade profissional de Jornalistas, na época analisada, é expetável concluir que o exercício da profissão de Jornalista implicava mais competências técnicas e sociais do que habilitações, qualificações ou credenciação, numa altura em que não havia formalmente cursos de Jornalismo, sendo o Associativismo determinante para a definição dessa identidade.

### ANTÓNIO FERRO, O JORNALISMO LITERÁRIO E A ESTÉTICA MODERNISTA COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Carla Ribeiro  
CITCEM – UP e ESE/IPP

Considerado por Luís Reis Torgal como um dos “intelectuais orgânicos” do Estado Novo, António Joaquim Tavares Ferro ficou conhecido pelo papel que desempenhou ao serviço do regime e de Salazar, que fez dele primeiro diretor do Secretariado de Propaganda Nacional. Criado, como se sabe, logo em 1933, este organismo gravou no imaginário coletivo uma imagem do país, do regime e do seu ditador, que aqui se pretende discutir. Ferro não era um desconhecido. Antes desta sua incursão pelo Secretariado destacara-se na vida pública portuguesa como literato e, sobretudo, como jornalista. Neste seu percurso, António Ferro aventurou-se num tipo particular de jornalismo, o ‘jornalismo literário’, bem patente nas suas reportagens, entrevistas e crónicas. Foi esta profissão que lhe trouxe verdadeira notoriedade pública. Foi também o jornalismo que lhe permitiu perceber como moldar, ou construir, uma determinada realidade, aquela que, até certo ponto, perdura ainda e que propagandeou como diretor do Secretariado. É este seu percurso pelo jornalismo português que se procurará analisar, procurando entender qual o papel de Ferro no panorama jornalístico nacional nas décadas de 1920 a 1950. Ainda mais: considerando que, por um lado, uma das funções atribuídas ao Secretariado foi a de regular as relações da imprensa com os poderes do Estado e que, por outro lado, Ferro foi presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas de 1934 a 1937, acumulando com a direção do Secretariado, importa ainda avaliar e refletir

sobre o poder, a ação e o controlo que ele tinha do meio jornalístico, no período em análise.

## **DOS “RAPAZES DA RÁDIO” AO DIREITO À PALAVRA “JORNALISTA”: A FORMAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS JORNALISTAS RADIOFÓNICOS EM PORTUGAL**

Cláudia Henriques  
CECS/UM

Na década de 1960, o Rádio Clube Português (RCP) inaugura o Serviço de Noticiários, liderado por Luís Filipe Costa. Este projeto jornalístico traz à rádio uma nova linguagem de informação, uma outra estética sonora, e uma dinâmica informativa que exige noticiários em permanência. É criada uma equipa de “noticiaristas” que, ao contrário do que até então era comum na Emissora Nacional, já não se vão limitar a recortar e a ler ao microfone as notícias dos jornais. São profissionais que trabalham por turnos, vão para o terreno, escrevem as notícias que leem, e desenham práticas e rotinas próprias de uma redação de rádio. No entanto, só depois da Revolução de 25 de Abril de 1974 estes profissionais alcançariam o estatuto pleno de jornalistas, com formação específica e acesso à estrutura sindical dos jornalistas. Nesta comunicação, partindo deste pressuposto de vitalidade e de emergência de um jornalismo radiofónico com uma linguagem e identidade específicas nas décadas de 1960 e 1970, indagamos sobre os percursos de institucionalização da formação e da profissão de jornalista radiofónico em Portugal. Fazemo-lo através de testemunhos recolhidos ou publicados de profissionais da informação da rádio à época, e da análise qualitativa de publicações periódicas e de documentos de arquivo. Refletimos sobre o perfil dos profissionais, o modo de entrada na profissão, as rotinas e práticas na sedimentação de um saber, a evolução da formação disponível e a integração no meio sindical. Concluímos que foi longo e sinuoso o caminho que os jornalistas da rádio tiveram de percorrer para alcançar um estatuto profissional semelhante aos jornalistas da imprensa, e que na

construção histórica da profissão de jornalista radiofónico o projeto informativo do RCP teve influência.

## **25 DE NOVEMBRO DE 1975 – O PAPEL DOS JORNALISTAS E OS EFEITOS SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Carla Baptista  
NOVA FCSH/ICNOVA

Esta comunicação visa contribuir para compreender o papel da comunicação social na criação do clima emocional que antecedeu o golpe militar de 25 de novembro de 1975, consensualmente identificado pelos historiadores como o culminar do PREC e o início da transição para a fase de institucionalização da democracia portuguesa. Na sequência da tentativa (frustrada) de tomada de poder encetada nesse dia por forças militares ligadas à extrema-esquerda, o órgão tutelar, Conselho da Revolução, decretou o estado de sítio e a suspensão da publicação de jornais, bem como das emissões de rádio e televisão. Tratou-se de um dos períodos mais excecionais vividos em Portugal, onde foram raros os episódios de suspensão tão prolongada de meios de comunicação social. A maioria dos periódicos portugueses só voltou a publicar-se em meados de Dezembro e todas as redações foram fortemente impactadas pelas medidas decretadas pelos militares vencedores, identificados com a ala moderada do MFA. Uma vaga de saneamentos sem precedentes atingiu a RTP, as rádios generalistas e a maioria dos jornais, levando a uma radical substituição das anteriores direções de informação e quadros editoriais na maioria desses meios. Apesar de existirem alguns estudos históricos de grande valor sobre o contexto histórico geral que precede e sucede ao 25 de Novembro, bem como outros de carácter mais específico e parcial, relativos a situações particulares vividas em alguns jornais, o 25 de novembro permanece um acontecimento pouco explorado ao nível dos efeitos mais globais na história dos jornalistas e dos meios de comunicação social. É essa lacuna que pretendemos ver diminuída com os dados resultantes da pesquisa em curso que irá sustentar esta comunicação.

## O PAPEL DOS JORNALISTAS PORTUGUESES NA REGULAÇÃO DA INFORMAÇÃO: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E PERSPETIVAS DE FUTURO

João Miranda

CEIS 20/FLUC

Portugal possui um dos mais complexos e voláteis sistemas de regulação do jornalismo da Europa Ocidental, pautado ao longo de 40 anos de democracia por uma permanente reorganização institucional e por uma subsequente variedade de modelos. Neste contexto de rápida mutação, o espaço de intervenção dos jornalistas na regulação da informação vem conhecendo diferentes disposições. Se, de modo genérico, podemos concluir que o trajeto desta manifestação profissional no domínio normativo da informação acompanha a realidade de outros países do sul da Europa, existem aspetos específicos que tendem a distinguir a situação portuguesa do restante Modelo Pluralista Polarizado. Falamos, a título de exemplo, de marcas de uma autorregulação permanentemente induzida pelo Estado, de uma progressiva captura orgânica e das competências da regulação do jornalismo por parte do campo político, ou da incapacidade de o setor concertar e apresentar alternativas eficazes.

A partir de uma leitura histórica da atividade, enquadramento institucional e relações de poder dos principais organismos nacionais de regulação da informação – baseada na análise de documentos e em entrevistas –, esta comunicação procura identificar e caracterizar as etapas fundamentais da evolução da regulação do jornalismo português, visando, sobretudo, compreender as alterações do espaço de intervenção dos profissionais nesse contexto regulatório.

Também com bases nestes dados, e recuperando as respostas de um inquérito aos jornalistas portugueses, esta comunicação busca, simultaneamente, explorar e discutir contributos para um reenquadramento da *governance* dos *media*, perspetivando a intervenção profissional nesses processos normativos.

## A ATRIBUIÇÃO DE CRÉDITOS DE AUTORIA NAS IMAGENS EDITORIAIS

Rui Carlos Linhares Bettencourt Coutinho  
ESCS/IPL

A creditação da autoria das imagens que ilustram os conteúdos editoriais pode, potencialmente, ser indicador das alterações do estatuto que os fotojornalistas desfrutam na estrutura em que estão inseridos. Ao comparar o crédito para o autor do texto com a ausência, baixa visibilidade ou destaque para a indicação da autoria das imagens utilizadas como ilustração de uma peça informativa identifica-se uma desigual valorização da autoria da imagem perante texto. Assim, procura este estudo atingir três objetivos: primeiro, avaliar quantitativamente a evolução deste processo no jornal *Diário de Notícias*, com recurso a amostragem situada num espaço temporal que se inicia com a prática generalizada da assinatura do texto nos jornais de referência internacionais até à contração das redações na década em curso; segundo, investigar se esta diferença está patente no acesso à profissão ou nos requisitos contratuais; terceiro, como é avaliada por intervenientes da escrita e da imagem a vantagem da fotografia como estratégia perante a crescente vertente visual da informação e como os próprios avaliam a relevância e a intermutabilidade destes intervenientes face à crescente oferta de fontes de imagem.

## HISTÓRIA DO RADIOJORNALISMO

### A RÁDIO SEGUNDO O JORNALISTA ÁLVARO DE ANDRADE

Rogério Santos  
Nelson Ribeiro

Universidade Católica Portuguesa

Álvaro de Andrade (1894-1976) foi jornalista (e chefe de redação de jornais como *Diário de Lisboa* e diretor do jornal *A Bola*). Teve outras duas áreas de grande atividade: o teatro, onde chegou a secretário da companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, e a rádio, onde

trabalhou na Emissora Nacional como responsável pelos serviços de produção e foi diretor das publicações *Rádio Semanal*, *Rádio Nacional* e *Anuário Radiofónico* (1937, 1938).

Como redator do *Diário Popular*, onde trabalhou nos seus últimos anos de profissão, ele escreveu dez textos sobre a rádio, ao longo do ano de 1970. São artigos de registo simultaneamente leve (destinado ao leitor comum) e rigoroso (com enquadramento social). Embora, do ponto de vista formal, não se possa considerar historiador da rádio, ele foi-o de modo efetivo ao escrever sobre profissionais (primeiros locutores da Emissora Nacional), programas (*Hora da Saudade*, voltado para uma audiência ultramarina através das ondas curtas), géneros radiofónicos (teatro radiofónico, concertos de música) e reportagens do exterior (como o cortejo regional folclórico de 1938, a preparar os centenários de 1940).

A comunicação não pretende apenas resgatar a memória da rádio – analisando os artigos do *Diário Popular* e os editoriais das publicações de rádio acima indicadas – mas relevar ainda a importância da rádio nesse conturbado final da década de 1930, a combinar novidade, cultura e ideologia. A comunicação estabelece ainda a importância da relação frutuosa entre jornalismo e história, o grande objetivo da conferência.

## **O NASCIMENTO DO SERVIÇO DE NOTICIÁRIOS DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS: A CRIAÇÃO DE UM MODELO COMERCIAL DE RADIOJORNALISMO**

**Nelson Ribeiro  
Rogério Santos**

Universidade Católica Portuguesa

Ao contrário da Emissora Nacional, que iniciou o seu serviço regular de noticiários aquando do início das suas emissões oficiais, o Rádio Clube Português (RCP) começou por emitir rubricas que juntavam informação e entretenimento, buscando as notícias nos jornais impressos que haviam sido previamente visados pela censura. Esta prática levou a que apenas em 1961 o RCP tivesse criado a sua própria redação, adotando um modelo que apelidamos de *publicitário*, e que se opunha ao

noticiário de modelo *oficial* da Emissora Nacional que destacava sobretudo os eventos que serviam de promoção ao Estado Novo.

Após a criação da sua redação, o RCP passou a emitir um noticiário de três minutos, no início de cada hora, sendo este constituído por notícias breves. O responsável, Luís Filipe Costa, provinha de uma agência publicitária, a Agência Publicidade Artística (APA), o que acabaria por influenciar o modo como este via a escrita radiofónica. Assim, nesta comunicação, que se baseia em fontes escritas e orais, propomos abordar a criação do serviço de noticiários do RCP, que coincidiu com a mudança de instalações e de chefia da emissora. Será demonstrando como o modelo noticioso da estação foi influenciado pela linguagem publicitária e também por exemplos estrangeiros, incluindo o programa *Repórter Esso*, emitido na rádio brasileira, e conhecido sobretudo pela transmissão de notícias curtas. Tal como neste programa, nos noticiários do RCP cada notícia era construída com o menor número de palavras possível, eliminando-se frequentemente verbos e artigos. Tal modelo acabaria por ter um sucesso significativo, tendo a redação crescido ao ponto de ter nove noticiaristas ao seu serviço no final da década de 1960 (Luís Filipe Costa, Paulo Fernando, Manuel Bravo, Firmino Antunes, João Paulo Guerra, Carlos Manuel, Fernando Quinas, Jorge Moreira e Duarte Ferreira). As notícias eram sobretudo sobre acontecimentos internacionais, construídas com base em telex recebidos das agências noticiosas.

## **A RÁDIO DE MICROFONE ABERTO - CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA DO RADIOJORNALISMO DAS 'PIRATAS' ÀS LOCAIS**

**Ana Isabel Reis**

Universidade do Porto

O fenómeno das rádios livres, ou 'piratas', transformou o panorama radiofónico em Portugal e, em particular o do jornalismo radiofónico. No rescaldo da revolução dos cravos de 1974 as nacionalizações estenderam-se ao setor da radiodifusão deixando apenas duas grandes rádios de âmbito nacional: a Radiodifusão

Portuguesa, do Estado, e a Rádio Renascença, da Igreja católica. O duopólio Estado – Igreja instituído no período revolucionário e que perdurou até ao denominado ‘boom’ das rádios livres. A primeira ‘pirata’ portuguesa começou a emitir nos anos 70, mas foi na década seguinte que se assistiu à multiplicação das pequenas emissoras ilegais por todo o país. O fenómeno acelerou a publicação da Lei da Rádio, aguardada desde 74 e que só viria a ser publicada em 1988 com o consequente encerramento de todas as rádios que emitiam ilegalmente e a abertura do concurso para atribuição das frequências locais.

Os projetos ‘pirata’ impulsionaram a transformação do jornalismo radiofónico com ênfase nos programas de informação, no direto e nas pequenas comunidades. Elas trouxeram outras centralidades ao discurso jornalístico e focaram-se nos anseios e preocupações das populações, na sua cultura e identidade, no fundo, deram uma nova dimensão à proximidade. As grandes emissoras detentoras das licenças atribuídas pelo Estado reagiram com a ampliação da rede de antenas emissoras, com a abertura de novas delegações e a descentralização das emissões.

Alguns projetos eram completamente amadores, outros foram fundados por profissionais e foram verdadeiras escolas de jornalismo. Ambos viram nas ‘piratas’ a oportunidade para testar uma nova forma de jornalismo radiofónico nos conteúdos e nos formatos. Ambos tinham o mesmo objetivo: dar voz às pessoas. É essa transformação que pretendemos aprofundar com a consulta da documentação e recolha oral de testemunhos de forma a obter um quadro em que se inscrevam as transformações operadas no jornalismo radiofónico pelas rádios ‘piratas’.

## **O JORNALISMO NAS RÁDIOS LOCAIS PORTUGUESAS: ENTRE O LOCALISMO E A ALTERNATIVA ÀS RÁDIOS NACIONAIS**

Luís Bonixe

Instituto Politécnico de Portalegre e ICNOVA

O jornalismo foi, desde sempre, utilizado pelos impulsionadores das rádios locais em Portugal como um argumento para a sua legalização. Para os pioneiros da radiodifusão local portuguesa, a informação era vista como um elemento que serviria como fator de distinção em relação às rádios nacionais que emitiam em Portugal no final da década de 80 e princípio da década de 90 do século XX. No contexto da legalização das emissoras locais, surgiram várias rádios com propósitos localistas e muito viradas para as comunidades locais. Ao mesmo tempo, em particular em Lisboa e no Porto, apareceram fruto dessa mesma liberalização da rádio, projetos com outra dimensão, pertencentes a grupos económicos e que se apresentavam como alternativas às rádios nacionais. Tiveram percursos distintos, mas afirmaram-se com projetos jornalísticos de significativa dimensão. Referimo-nos à TSF, Rádio Press, Rádio Nova, Rádio Geste ou Correio da Manhã Rádio. Tratam-se de rádios localizadas nas duas principais cidades do país e que pelo volume de investimento diferenciaram-se das restantes emissoras locais que apareceram na mesma altura em Portugal.

Partindo da análise àquelas cinco rádios, a proposta de comunicação que apresentamos procura perceber qual o papel da liberalização do setor da rádio para o jornalismo radiofónico português. Para a presente comunicação, recorreremos a entrevistas a profissionais que exerceram atividade naquela época nas emissoras locais, à imprensa e à bibliografia disponível sobre a radiodifusão local portuguesa.

O estudo conclui que a liberalização da radiodifusão local em Portugal deu um contributo muito importante para o jornalismo radiofónico português ao afirmar-se como um espaço de relevância para a formação e recrutamento de profissionais e ao contribuir para o alargamento do espaço público mediático a vozes e temáticas locais.

## **“A RÁDIO QUE MUDOU A RÁDIO”: A TSF-RÁDIO NOTÍCIAS, O PASSADO E O FUTURO DO RADIOJORNALISMO EM PORTUGAL**

Ana Sofia Paiva  
Ricardo Morais  
NOVA FCSH  
UBI

Neste trabalho pretendemos traçar parte da história da TSF- Rádio Notícias e destacar a forma como a emissora transformou as rotinas jornalísticas em Portugal. Partimos de uma análise histórica para, num segundo momento, indagarmos sobre a introdução das novas tecnologias nas rotinas da rádio e projetarmos o futuro do radiojornalismo.

A década de 1980 ficou marcada pelo aparecimento das rádio-pirata. Estas emissoras clandestinas tinham como principal objetivo transmitir conteúdos que espelhassem a realidade regional, longe dos programas e da informação centralizada em Lisboa. A TSF foi uma das emissoras que nasceu pirata e, sendo a única rádio privada informativa do país, acabou por marcar o panorama radiofónico a vários níveis.

A rádio em direto, sem estar dependente da agenda mediática, foi um dos marcos introduzidos pela emissora e que acabaria por transformar o modo de fazer jornalismo. As meias horas entre as horas, introduzidas por Emídio Rangel, imitaram o modelo latino-americano de “rádio-relógio” e são consideradas uma das características únicas da informação da TSF. Os dois minutos antes dos noticiários, com a leitura dos principais temas que marcam a atualidade, tornaram-se transversais a todos os órgãos de comunicação, incluindo a televisão, que atualmente reproduz o mesmo modelo. A participação dos ouvintes em programas da grelha, nomeadamente no “Fórum TSF”, dando “voz” aos cidadãos, transformou a relação da rádio com o público.

Foram várias as inovações introduzidas pela TSF no radiojornalismo, mas como será que a emissora se adaptou às novas tecnologias? O que mudou no fazer jornalístico com as redes sociais? De que forma os *podcasts* afetaram a forma de fazer rádio? São estas as questões que nos guiam neste trabalho e é nesta simbiose, entre o passado e o presente da emissora, que perscrutamos as transformações no

radiojornalismo. Será que a “rádio que mudou a rádio” acabou por se mudar a ela própria?

## **HISTÓRIA DO JORNALISMO AUDIOVISUAL**

### **JORNAIS DE ACTUALIDADES CINEMATOGRAFICAS NO PERÍODO DO ESTADO NOVO: CINEJORNALISMO OU CINEPROPAGANDA?**

Jacinto Godinho  
NOVA FCSH, ICNOVA

Esta proposta de comunicação insere-se numa investigação sobre a história do telejornalismo português constituindo o seu primeiro capítulo. Durante a primeira década do século 20 foram surgindo, ligadas à indústria cinematográfica, reportagens de informação audiovisual que normalmente passavam nas sessões de cinema antes dos filmes. Foram sendo nomeadas de várias formas. Na generalidade eram conhecidos por *jornais de actualidades cinematográficas* ou simplesmente *actualidades*. O mais conhecido da Primeira República foi sem dúvida o *Jornal do Condes* feito em exclusivo para as sessões da conhecida sala de cinema de Lisboa. No período da Estado Novo, o regime assumiu o controlo sobre a produção das “actualidades” cinematográficas. Entre 1938 e 1951 foi produzido o *Jornal Português* e entre 1953 e 1970 o *Imagens de Portugal*. Foram ambos dirigidos pelo realizador António Lopes Ribeiro e levados para todo o país pela Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas – SPAC - responsável pela distribuição cinematográfica estatal. As chamadas “actualidades” funcionaram, sem dúvida, como o antepassado histórico do telejornalismo português. Quando surgiram os telejornais no pequeno ecrã televisivo em 1957 era nítida a influência dos modelos e formatos dos jornais do cinema.

Mas a questão que se coloca é se estes jornais podem ser considerados jornalismo e entrar para a história do jornalismo

audiovisual. Pode a propaganda ser pioneira do jornalismo?

## **A INFORMAÇÃO NÃO DIÁRIA NO PRIME TIME DA RTP, SIC E TVI: 10 ANOS DE COEXISTÊNCIA**

Anabela de Sousa Lopes  
ESCS/IPL e ICNOVA

Esta proposta de comunicação insere-se numa investigação mais alargada relativa à caracterização e evolução dos programas de informação não diária do horário nobre das televisões portuguesas (espaço informativo que se segue aos jornais das 20h), desde 1957 até ao presente.

A análise que pretendemos apresentar terá como enquadramento temporal os 10 primeiros anos de coexistência da RTP, SIC e TVI; a partir do arranque das emissões da SIC, primeiro canal de televisão privada em Portugal, que iniciou as suas emissões em Outubro de 1992. A escolha desse período justifica-se pelo cotejo que se pretende fazer entre canais generalistas, numa abordagem cronológica. Note-se que o primeiro canal de notícias, SIC Notícias, surgiu em 2001.

Será feita a caracterização desses programas de informação do *prime time* da RTP, SIC e TVI, tendo como coordenadas a duração, o formato, o/a jornalista que conduz o programa, a temática.

Este trabalho permitirá aferir qual o investimento realizado na investigação jornalística que implica um tempo significativo de elaboração, bem como meios humanos e técnicos mobilizados para um jornalismo de maior profundidade, comparativamente com a produção jornalística destinada aos telejornais.

## **JORNALISMO PORTUGUÊS NO MUNDO**

### **UM “NEGÓCIO DE POETAS”: EDITORES PIONEIROS DO JORNALISMO PORTUGUÊS NOS ESTADOS UNIDOS**

Alberto Pena Rodríguez  
Universidade de Vigo e Universidade de Coimbra

La historia del periodismo portugués en Estados Unidos es una historia de esfuerzo, superación y dignidad protagonizada por inmigrantes, mayoritariamente de origen azoriano, que en determinado momento tomaron la decisión de fundar una cabecera periodística para ganarse la vida y cumplir así su sueño americano, aunque fuera de manera más o menos “quijotesca”, según la expresión del escritor Vamberto A. Freitas.<sup>1</sup> Muchos de esos proyectos informativos fueron fruto del empeño de una persona que lo publicaba con la ayuda de algunos familiares o colaboradores. Con frecuencia, los propietarios ejercían al mismo tiempo como editores, directores, redactores, administradores e impresores. En sus inicios, a finales del siglo XIX y principios del XX, muchos eran tipógrafos que deseaban incrementar sus ingresos publicando un periódico. Pero otros desarrollaron proyectos más ambiciosos que los convirtieron en editores profesionales del periodismo portugués y alcanzaron gran popularidad entre los núcleos de inmigrantes lusos de Nueva Inglaterra o California, donde se editaron algunas cabeceras de gran éxito, como el *Portuguese Times*, el *Luso-Americano*, el *Jornal Português* o el *Diario de Noticias*. Entre los editores más destacados, se encuentran figuras como António Maria Vicente, Arthur Vieira Ávila, João Rodrigues Rocha, Pedro Laureano Claudino da Silveira o João P. Brum, que son algunos de los pioneros de este fenómeno periodístico. Mediante un análisis esencialmente descriptivo y cualitativo, centrado en sus perfiles biográficos a partir de fuentes de archivo originales, esta comunicación se propone contribuir a la recuperación de la memoria de algunos de los editores más

<sup>1</sup> Freitas, Vamberto A. “Algumas considerações sobre a Imprensa Portuguesa nos Estados Unidos”. *Portugal/USA*, 7 de enero de 1987. Citado por Dias, Eduardo Mayone. *Op. cit.*, p. 75.

relevantes del periodismo portugués en Estados Unidos.

## **O JORNALISMO PORTUGUÊS E ESPANHOL EM SUAS COLÔNIAS: HISTÓRIA COMPARADA E METODOLOGIA DE ANÁLISE**

**Antonio Hohlfeldt**

PPGCom-FAMECOS-PUCRS

Em anos anteriores, e em conjunto com pesquisadores especialmente de Portugal e do Brasil, o autor intentou uma história do jornalismo nos países de expressão portuguesa, incluindo as antigas colônias, do Brasil ao Cabo Verde, Moçambique, Angola e Goa. Estes estudos, comparativos, levaram a uma nova etapa: a aproximação entre a história do jornalismo em Portugal e Espanha e, posteriormente, entre a colônia portuguesa – Brasil – da ibero-america, e as demais colônias espanholas, nos territórios do que hoje se conhece como América do Norte até América do Sul, passando pela Centro-América: do México até a Argentina. Além do trabalho imenso pela multiplicidade de produção que abrange, surge a questão, fundamental, da metodologia e ser adotada para a análise e a constituição dessa narrativa. Na pesquisa anterior, o autor se valeu de uma história cultural do jornalismo. Isso permitiu aproximações entre o desenvolvimento político e as diferentes etapas do jornalismo naqueles territórios, relacionando-os inclusive a episódios da metrópole, a evidenciar que tais espaços não se encontravam tão distanciados quanto muitas vezes se imaginou. Do mesmo modo, na proposta atual, deve-se tomar como central um episódio que produz conseqüências em comum sobre todas as então colônias ibero-americanas: as invasões napoleônicas de Espanha e Portugal. Embora provocando eventos imediatos diversos, tais invasões produziram, praticamente num mesmo lapso de tempo – os trinta primeiros anos do século XIX – o surgimento de publicações variadas, primeiro oficiosas e depois independentes, que participariam do esforço diversificado das independências daqueles territórios. O presente artigo levanta estas questões e propõe a discussão sobre as alternativas metodológicas a serem escolhidas para

melhor se dar conta da tarefa a ser empreendida, de maneira a que se tenha uma visão de conjunto e comparativa, tomando-se como referências os anos de 1807 e 1828, respectivamente (invasões napoleônicas e independência da então República Oriental del Uruguay).

## **HISTÓRIA DO JORNALISMO ICONOGRÁFICO (I)**

### **APONTAMENTOS SOBRE A GÊNESE DA COBERTURA GRÁFICA DA ATUALIDADE EM PORTUGAL: DA XILOGRAVURA AO FOTOJORNALISMO (1835-1914)**

**Jorge Pedro Sousa**

Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA

Este estudo, alicerçado em pesquisa documental e análise histórico-cultural do discurso, debruça-se sobre a origem e desenvolvimento das revistas ilustradas em Portugal, entre 1835 e 1914, e sobre a adoção da gravura de madeira, primeiro, e da fotografia, depois, como meios preferidos para a adição de informação visual ao texto verbal na imprensa. Sugere-se, face aos dados obtidos, que a adoção da fotografia pela imprensa portuguesa foi gradual, verificando-se a partir da última década do século XIX, e que a opção pela fotografia resultou, primordialmente, de razões práticas: em comparação com as gravuras, ou mesmo com o desenho fotografado, a fotografia poupava tempo e dinheiro. A fotografia tinha, também, uma outra vantagem, quando comparada à gravura e ao desenho: maior iconicidade. Realça-se, ainda, que a adoção da fotografia gerou o aparecimento de uma nova especialidade no jornalismo, o fotojornalismo, e dos seus intérpretes, os fotojornalistas.

## **ICONOGRAFIA DO PROGRESSO TÉCNICO PORTUGUÊS EM SETE REVISTAS ILUSTRADAS DO FONTISMO (1851-1887)**

**Jorge Pedro Sousa**

Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA

Uma ideologia do progresso técnico propagou-se, em Portugal durante o período em que Fontes Pereira de Melo (1819-1887) teve protagonismo na política portuguesa (Fontismo). Esta pesquisa tem por objetivo entender de que forma a iconografia refletiu esse estado de coisas e contribuiu para a edificação de um imaginário sobre as conquistas técnicas em Portugal. Partiu-se da hipótese que, dado o impacto do Fontismo, a imprensa periódica ilustrada portuguesa do período em análise, principal meio de difusão de mensagens iconográficas ao tempo, não só cobriu, iconograficamente, as obras públicas e outras manifestações do progresso técnico português, como também o fez assiduamente. Os resultados mostram, no entanto, que essa cobertura não foi nem assídua nem volumosa, ainda que as revistas ilustradas tenham abordado o tema, com gravuras e desenhos fotogravados realistas, em certos casos executados a partir de fotografias (opção que acelerava e rentabilizava a produção de iconografia informativa para as revistas), dando particular destaque ao caminho de ferro, convertido em símbolo maior – e mítico – do Fontismo, tanto quanto a evocação de Fontes Pereira de Melo ativa o arquétipo e o mito do homem sábio e bom governante.

## **A ILUSTRAÇÃO NA IMPRENSA POPULAR PORTUGUESA (1895-1909)**

**Eduardo Cintra Torres**

FCH, UCP

Esta comunicação tem por objectivo explorar dois aspectos da imprensa popular portuguesa na viragem do século XIX para o século XX: por um lado, a presença da ilustração, do desenho à fotografia; por outro lado, o impacto da imagem no discurso jornalístico acompanhado de ilustrações. O período escolhido prende-se com o desenvolvimento da imprensa

popular em Lisboa e no Porto e com a introdução das inovações técnicas da fotografia passada a desenho e, finalmente, da fotografia, a partir de 1907. Através de uma prospeção no período escolhido, pretende-se verificar a introdução das novas técnicas de ilustração, a par da presença das antigas, procurando quantificá-las nos períodos prospectados, e dar atenção ao concomitante discurso verbal jornalístico: não só o que dizem os jornais “de massas” sobre as imagens concretas e sobre a imagem como prova de realidade, mas também o eventual impacto que as imagens têm no estilo e no conteúdo jornalístico. A amostra incluirá 12 edições de cada ano do período escolhido de dois diários portugueses (*O Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias*) e de dois diários lisboetas (*Diário de Notícias* e *O Século*). A investigação recorre a uma metodologia mista: o levantamento de imagens e sua caracterização, através de análise de conteúdo; a análise crítica do discurso jornalístico das notícias ou reportagens ilustradas.

## **A ICONOGRAFIA JORNALÍSTICA DO PODER NA ALVORADA DA DITADURA MILITAR EM PORTUGAL**

**Maria José Mata**

ESCS-IPL e ICNOVA

Esta investigação é parte um projeto mais vasto no âmbito do qual se pretende traçar a história narrativa e cronológica do jornalismo português.

Neste *paper*, discute-se o regime visual instituído pelas imagens publicadas na imprensa durante o período compreendido entre a instauração ditadura militar (na sequência do golpe de Estado de 28 de Maio de 1926) e o início do regime do Estado Novo (correspondente à 2ª República, institucionalizada pela Constituição de 1933)

Com base na pesquisa hemerográfica e na análise de discurso visual, procede-se à caracterização das imagens usadas pelos jornais e revistas da época para noticiarem as figuras do poder e os acontecimentos políticos de que são protagonistas, tendo como foco “o quê” e “como” mostram e/ou ocultam..

Num momento em que a fotografia se afirma nas páginas dos jornais, reforçada

pelo discurso testemunhal inerente à sua condição de imagem técnica, importa aferir o modo como a iconografia jornalística retrata um contexto político conturbado, marcado por tentativas de revolta, por uma forte repressão policial e pela instauração da censura à imprensa.

## **PARA UMA HISTÓRIA DO SÉCULO ILUSTRADO: DAS FOTOGRAFIAS DE PROPAGANDA ÀS CONTRA-IMAGENS DE OPOSIÇÃO AO REGIME**

Filomena Serra

Israel Guarda

NOVA FCSH e IHA

NOVA FCSH, IHA, ISCTE-IUL, CRIA

A revista *Século Ilustrado*, acompanhou gradual e imagetivamente a propaganda do regime de Salazar. Dirigida desde o seu início e até 1942, pelo cineasta e cenógrafo Leitão de Barros (1896-1967), vai contudo, a partir do pós-guerra e mais concretamente dos anos 50, sofrer alterações gráficas e de conteúdos que apontam para uma progressiva desvinculação da publicação relativamente ao regime.

Um conjunto de novas abordagens temáticas emerge; os assuntos diversificam-se e parece haver uma maior abertura ao mundo. Assuntos como o racismo, a pobreza, a situação da criança e o trabalho infantil ou a posição social da mulher, que é mostrada menos frequentemente como “objecto de desejo”, ganham espaço. A revista torna-se mais mundana e cosmopolita. Portugal é apresentado já não com o olhar mitificado dos valores da ideologia estado-novista, assente na imagem de um povo brando e em tradições sem conflito.

Com o início dos anos 60, a fotografia de propaganda do regime torna-se pontual e aparecem paralelamente as foto-reportagens, entre outros, de Eduardo Gageiro e de Michel Giacometti que convocam um olhar mais directo e sem filtros sobre as condições de vida de comunidades minoritárias, mas também sobre outras realidades numa cultura de maior abertura. As reportagens de Maria Antónia Palla, entre outras, anunciam, sem dúvida, esses novos tempos.

Tomando como objecto de trabalho o *Século Ilustrado*, o processo de

investigação desenvolvido assentou no levantamento e análise semiótica de um conjunto de imagens publicadas, entre 1945 e 1974. O objectivo é identificar o momento em que ocorre uma certa separação de águas entre a publicação e o Estado Novo, mas principalmente em sinalizar o ponto de inflexão, no sentido de testar a hipótese de algumas foto-reportagens publicadas concorrerem para um contradiscurso de oposição, ainda que velada ao regime do Estado Novo.

## **HISTÓRIA DA IMPRENSA (II)**

### **OS JORNAIS CENTENÁRIOS EM PORTUGAL – UM ACERVO ÚNICO, CANDIDATO A MEMÓRIA DO MUNDO/UNESCO**

Ana Cristina Cruz

João Palmeiro

Associação Portuguesa de Imprensa

A história das 35 publicações periódicas portuguesas que se editam **ininterruptamente há 100 ou mais anos** é fonte inesgotável da história de Portugal e do Mundo concentra não só os factos mais relevantes, mas também as estórias das comunidades e da sociedade. A investigação agrupou os títulos por ordem de publicação por época da história de Portugal e por localização geográfica de sede da publicação, foco noticioso e agrupamento de assinantes (quando existam) ou estrutura de distribuição. Estas Publicações pela análise dos seus títulos, da história dos seus proprietários, modo de impressão e distribuição permitem conhecer,- a criação e desenvolvimento da relação de confiança entre editores, jornalistas e leitores,- a evolução da forma de distribuição de modos de impressão de publicações periódicas ao longo de mais de 100 anos da indústria gráfica e logística portuguesas,- a estrutura do jornalismo português e a criação de uma metodologia de classificação e produção de meta dados tendo em vista a digitalização do acervo no programa Memoria do Mundo da Unesco. Estas publicações representam também um contributo para a análise e

conhecimento da diáspora portuguesa pois são distribuídas em ¾ dos países de todo o Mundo. A localização geográfica de cada publicação, o estudo georreferenciado dos seus assinantes, a análise da publicidade como espelho da modernidade do comércio em cada território são outras tantas pistas que a comunicação porá em relevo. Uma secção final fara referencia aos jornais centenários no mundo com enfoque naqueles cuja data de criação coincide com os mais relevantes momentos da história da edição de jornais e revistas em Portugal. A imprensa periódica é muito mais que transmissão de informação, é “um amplo repositório dos conhecimentos e das sensibilidades do seu tempo, daí, um dos mais expressivos avaliadores das atitudes mentais e das correntes de ideias na sociedade, para além dos círculos restritos” (José Tengarrinha, “Nova História da Imprensa Portuguesa”).

## **1924 E 1927 – DOIS MOMENTOS PERTURBADORES NA VIDA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

**Mário Matos e Lemos**

CEIS 20 – Universidade de Coimbra

Em 1924, os redactores do *Diário de Notícias*, de Lisboa, entraram em conflito com a administração do jornal, que era nessa altura propriedade Companhia Industrial Portugal e Colónias, conhecida por Moagem, que pretendia conhecer antecipadamente tudo o que tudo o que se escrevia, arrogando-se o direito de ditar o que se devia publicar ou não. Em consequência, praticamente toda a redacção abandonou o jornal instalando-se no diário republicano *O Mundo*, de onde desencadeou uma dura campanha contra a administração do *Diário de Notícias*. O conflito prolongou-se por cerca de dois meses e só foi sanado graças à intervenção do director do jornal, Augusto de Castro, que em Março havia sido designado para a Legação de Portugal em Londres. Embora mantendo, por força do seu contrato, a prerrogativa de designar quem o substituiria nas suas ausências. As razões deste conflito viriam a ser analisadas mais tarde, em 1927, por uma comissão de inquérito incumbida de apurar as responsabilidades pela publicação de

um Suplemento desse jornal de apoio aos revoltosos republicanos de Fevereiro desse ano.

## **A IMPRENSA DOS REVOLTOSOS DE 1931**

**Mário Matos e Lemos**

CEIS 20 – Universidade de Coimbra

Em Abril de 1931, os Açores, a Madeira e a Guiné tentaram uma rebelião militar com vista a derrubar a Ditadura que então governava Portugal. No breve período em que dominaram aqueles três territórios, os revoltosos tiveram a sua própria imprensa, na qual expuseram os seus objectivos e narraram o evoluir da situação. Na Guiné, os números do *Boletim Oficial* publicados pelos revoltosos foram apreendidos e destruídos nas colecções oficiais.

## **A DISPUTA ENTRE OS SEMANÁRIOS FRADIQUE E BANDARRA EM 1934-35: SUAS POSSÍVEIS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

**José Guilherme Victorino**

Universidade Autónoma de Lisboa

Teve António Ferro um dos seus mais persistentes detratores na pessoa de Tomás Ribeiro Colaço. A controvérsia entre os semanários *Fradique*, fundado e dirigido pelo segundo, e *Bandarra*, órgão oficioso do Secretariado da Propaganda Nacional, dirigido por Ferro, marcou publicamente esse enfrentamento. O que o teria provocado? Que conclusões podemos retirar das escassas fontes disponíveis nos arquivos e na imprensa da época? Entre diversos fatores que podem ter pesado, neste contexto, conte-se a reação crítica de Colaço à peça *Mar Alto*, estreada por Ferro em 1923, a extinção do Sindicato da Imprensa Portuguesa, presidido por Colaço (em resultado da formação do Sindicato Nacional dos Jornalistas, em 1934, presidido por Ferro), e o estrangulamento do *Fradique* pela Censura, segundo Colaço. Mas para lá das múltiplas polémicas em que se envolveu o *Fradique*, com outros periódicos e protagonistas, este conflito,

acima de tudo pessoal, não resultava de uma divisão de carácter ideológico. Afinal não eram muito diferentes as posições de Colaço e de Ferro, relativamente ao salazarismo emergente e às visões autoritárias então em voga, partilhadas neste caso entre as convicções monárquicas do primeiro e o republicanismo do segundo. Também mais tarde, no dealbar da II Guerra Mundial, as posições de ambos não deixariam de coincidir: em contraponto ao ativo empenhamento de Colaço, pela causa britânica, Ferro revelou uma postura discretamente aliadófila. Por causas também não totalmente esclarecidas, Colaço acabaria por se autoexilar no Rio de Janeiro, em 1940, revelando-se, através das suas crónicas em influentes periódicos, um dos mais ativos opositoristas da colónia portuguesa naquele país. Pretende este artigo aprofundar as circunstâncias que rodearam um episódio marcante, tanto no panorama do jornalismo do período, como no correlativo posicionamento das fações nacionalistas em fase de alguma indefinição política do ainda recente Estado Novo.

## **UM ARQUIVO ESQUECIDO – O ACERVO DO ARMAZÉM DO PENDÃO-QUELUZ E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DO JORNALISMO PORTUGUÊS**

**João Palmeiro**

Associação Portuguesa de Imprensa

A organização pelo Estado Português de um departamento para tratar e promover a sua informação pública e oficial data da criação do Secretariado Nacional da Propaganda (SNP), no início do Estado Novo que se manteve até à extinção do Gabinete para os Meios de Comunicação Social em 2015. Ao longo de 82 anos uma estrutura da administração pública produziu e organizou documentação de valor inestimável para a história do jornalismo Português. Depois de 1974 foi criada uma comissão para análise dos documentos da extinta comissão de censura, cujas atas e outros documentos estão depositados na Torre do Tombo provenientes do acervo arquivista das entidades da administração pública que

tutelaram a comunicação social e a informação pública em Portugal. Este arquivo reunido ao longo dos anos num armazém em Pendão – Queluz, foi expurgado da documentação considerada com valor político, transferida para a Torre do Tombo. No entanto não mereceu interesse de análise histórica toda a restante documentação relacionada com a atividade do Estado Português no setor dos media desde as atas das discussões da Lei de Imprensa de 1975, as atas e a documentação processual dos concursos de atribuição das frequências radio em 1988, ou os processos de organização da cobertura das viagens de Estado de Marcello Caetano. Américo Tomaz, António de Spínola ou Francisco da Costa Gomes, para citar apenas alguns. Igualmente todo o acervo referente à acreditação de jornalistas estrangeiros em Portugal ou ao envio de jornalistas portuguesas para o estrangeiro, está por analisar, juntamente com as instruções dadas a adidos de embaixadas de Portugal funcionalmente dependentes dos então serviços relacionados com a informação pública e política portuguesa. Além deste acervo mais facilmente identificável, pois resulta de arquivos organizados depois das regras implementadas na Administração Pública Portuguesa em 1966, existem milhares de documentos indispensáveis para a história do jornalismo em Portugal – desde as tentativas de criação do ensino do jornalismo em Portugal até as publicações periódicas dos países africanos de língua portuguesa antes da sua independência – cujo risco de se perderem para a memória e compreensão e conhecimento da história do jornalismo em Portugal no século vinte é muito alta. Urge por isso dar a conhecer este acervo documental e lançar pistas que interessem investigadores que evitem, pelo desinteresse, o desaparecimento de toda esta muito valiosa documentação.

# HISTÓRIA DO CIBERJORNALISMO

## NO PAPEL E NO DIGITAL: OS CASOS DIÁRIO DE NOTÍCIAS E PÚBLICO

Suzana Cavaco

Faculdade de Economia da Universidade do Porto

A presente comunicação procura compreender os desafios que a imprensa portuguesa tem vindo a enfrentar nas últimas três décadas, traçando o percurso dos jornais *Diário de Notícias* e *Público*, desde a conceção deste último no fim dos anos 80 do século XX. Para tal, analisa a circulação paga em suporte de papel e a circulação paga em digital, contextualizando-as no segmento da imprensa de informação geral em Portugal diária e semanal, em diferentes períodos. Faz comparações em termos de distribuição geográfica. Apesar de representar menos custos e apesar de facilitar o acesso ao produto colmatando constrangimentos inerentes à distribuição, verifica-se que o digital não tem vindo a compensar a perda de receitas provenientes da edição em papel.

## CIBERJORNALISMO EM PORTUGAL: NARRATIVAS VISUAIS PARA NATIVOS DIGITAIS

Maria Assunção Gonçalves Duarte

NOVA FCSH

Este *paper* integra uma investigação mais vasta cujo objetivo é avaliar o interesse dos órgãos de comunicação social portugueses sobre as potencialidades da infografia digital (animada e interativa) e do GIF animado, para captar audiências junto dos nativos digitais. Propomo-nos traçar o percurso histórico de inclusão deste tipo de imagens nos meios de comunicação social que foram pioneiros do jornalismo online em Portugal nomeadamente: o *Público*, em 2001, logo seguido pelo *Jornal de Notícias*, *Expresso*, *Sol*, *Diário de Notícias* e *jornal I*. Neste percurso de mais de uma década dar-se-á conta do modo como, em que contexto e com que impacto junto do público, os novos formatos de narrativas

visuais, naturais do ecossistema digital, têm sido utilizados por esses jornais. Com base na observação empírica e em entrevistas com os editores multimédia das respectivas edições online, propomo-nos retratar quais fora as suas experiências com estes formatos e o quão importantes foram para estes órgãos operarem a transição do jornalismo online, que transpõe conteúdos dos média tradicionais para o suporte digital, para o ciberjornalismo ou jornalismo digital, que desenvolve conteúdos próprios para a web.

## HISTÓRIA DO CIBERJORNALISMO DE PROXIMIDADE EM PORTUGAL

Pedro Jerónimo

Universidade da Beira Interior / LabCom.IFP e CECS

As origens e a evolução do ciberjornalismo em Portugal começaram a ser conhecidas graças ao trabalho de Helder Bastos (2010, 2015). Em 1995 o *Jornal de Notícias* tornava-se pioneiro entre os *media* portugueses, ao ser o primeiro a disponibilizar conteúdos online. O referido autor era na época ali jornalista, pelo que não só tem acompanhado a evolução deste campo do jornalismo, como foi um actor participante da génese do mesmo. Contudo, este olhar – que entretanto contou com um precioso contributo de António Granado (2002) – foi sempre centrado nos *media* de âmbito nacional. Quanto aos de âmbito local e regional, que no contexto portugueses e nesta última vintena de ano sempre foram centenas, ficaram praticamente ausentes desse olhar continuado, descritivo e analítico. É quase a chegar aos 20 anos de ciberjornalismo em Portugal que surge um importante contributo, que nos permite começar a conhecer a origem das práticas ocorridas entre os *media* regionais (Jerónimo, 2013). A partir deste trabalho ficamos a conhecer que 1996 é o ano que marca o arranque do ciberjornalismo nos *media* regionais, nomeadamente no *Região de Leiria*. A presente proposta passa não só por recuperar esse percurso, como complementá-lo com um olhar sobre esta última meia dúzia de anos, já com novos dados, como por exemplo as experiências dos *media* regionais com e em dispositivos móveis. Para tal recorreremos a revisão de

literatura e análise de conteúdo, sobretudo através do arquivo da Internet (Archive.org e Arquivo.pt). Conclui-se que a principal característica do ciberjornalismo de proximidade, salvo pontuais exceções, é a transposição de conteúdos das edições em papel para os respectivos cibermeios, nos quais é raro encontramos evidências das principais características do meio, como a multimedialidade e a hipertextualidade. Ainda assim, o facto de termos *media* regionais a ganhar prémios no domínio digital e do ciberjornalismo, bem como de receberem financiamento para o desenvolvimento de projectos digitais, como é o *Digital News Innovation Fund*, é digno de registo.

## **BLOGUES DE JORNALISMO DE VIAGENS EM PORTUGAL: UMA HISTÓRIA**

**Samanta Souza Fernandes**

UFP

A localização do jornalismo de viagem no cruzamento entre informação e entretenimento, jornalismo e publicidade, bem como seu papel cada vez mais significativo na representação de culturas, o torna um local significativo para pesquisas académicas. Com o aumento das ofertas on-line, a organização e o planeamento de viagens mudaram para a internet, seja para comprar ou para pesquisar sobre o destino a visitar. Desse modo, observa-se que os blogues de viagens e os jornalistas de viagens estão ganhando cada vez mais espaço como referência. Nesse contexto, este artigo pretende investigar a história dos blogues de Jornalismo de Viagens em Portugal e como eles se desenvolveram até obterem resultados. A metodologia aplicada é a da entrevista que consiste em analisar cinco blogues de maior sucesso no país e buscar compreender como ocorreu esse processo. De que forma os blogueiros de viagens se apropriam do meio digital e constroem narrativas e estratégias de atuação nas redes sociais como fonte de informação de locais de viagem. A expectativa é verificar suas características do ponto de vista cultural, do turismo, das viagens e experiências vividas pelos jornalistas. A pesquisa visa também verificar se essa ferramenta de divulgação se trata apenas

de propagandas turísticas ou se há efetivamente critérios jornalísticos.

## **A INSCRIÇÃO NO TEMPO DOS PERFIS ONLINE: HADDAD E BOLSONARO NO EXPRESSO E NO PÚBLICO**

**Anabela de Sousa Lopes**

**Júlia Leitão de Barros**

ESCS-IPL e ICNOVA

ESCS-IPL

Colocar problemas e obter respostas sobre a atualidade - valorizando a dimensão temporal de forma a tornar o imediato mais compreensível - é tarefa partilhada entre o Jornalismo e a História do tempo Presente. A presente análise insere-se neste território híbrido que valoriza a compreensão da atualidade pela inscrição no tempo de factos, personagens ou instituições. Não sendo uma análise sobre a história da imprensa, elabora-se em torno da estreita relação entre a história e o jornalismo. Opta-se aqui pela abordagem dos perfis jornalísticos de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, os dois principais candidatos às eleições presidenciais no Brasil, em 2018. Analisa-se o período de 23 de setembro, início da primeira campanha eleitoral, até 4 de novembro (uma semana após as eleições), no *Expresso* e no *Público* (publicação impressa e *online*). Tratando-se de dois jornais de referência é expectável que o perfil seja um género jornalístico presente nas duas publicações, pelo trabalho prévio que requer, nomeadamente entrevistas ao próprio e a outros indivíduos próximos, pesquisa prévia sobre a dimensão biográfica do perfilado, ações que são um traço distintivo de um jornalismo rigoroso e que investe na preparação das suas peças pelo seu corpo redatorial.

A análise dos perfis de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro permitirá aferir:

- (i) qual o aspeto mais destacado –
- (ii) político, familiar, ou outro;
- (iii) quais as vozes convocadas para se pronunciarem sobre o perfilado – e o que isso revela sobre a intencionalidade do perfil;
- (iv) o modo de inserção da dimensão socio-temporal na trajetória política do biografado;
- (v) diferenças e semelhanças na abordagem dos perfis destes

- (vi) candidatos nos dois momentos eleitorais;  
qual o investimento do *online* na apresentação dos perfis - e eventual reforço da dimensão temporal na abordagem jornalística -, considerando as suas potencialidades e especificidades.

## HISTÓRIA DO JORNALISMO ICONOGRÁFICO (II)

### LA PRENSA DE HUMOR EN PORTUGAL EN EL SIGLO XX: LOS CASOS DE *SEMPRE FIXE* E *A MOSCA*. PARALELISMOS CON *LA CODORNIZ* Y *HERMANO LOBO* EN ESPAÑA

Félix Caballero Wangüemert  
Universidade de Vigo

*Sempre Fixe* (1926-1959 y 1974-1975) fue la revista de humor portuguesa más relevante del siglo XX. Durante la mayor parte de su existencia, representó la audacia artística e ideológica bajo la dictadura de Salazar. *A Mosca* (1969-1975), impulsada por los mismos editores –el *Diario de Lisboa*– se convertiría enseguida en el símbolo del renacimiento del humor gráfico portugués durante la Primavera Marcelista y, sobre todo, la Revolución de los Claveles. Las dos revistas presentan muchos y llamativos paralelismos con los casos de *La Codorniz* (1941-1978) y *Hermano Lobo* (1972-1976) en España, especialmente por el papel representado por unas y otras en el panorama de la prensa de humor en los dos países. Los objetivos de esta comunicación son subrayar las principales contribuciones de *Sempre Fixe* y *A Mosca* a la historia de la prensa de humor en Portugal y poner de manifiesto sus similitudes con las españolas *La Codorniz* y *Hermano Lobo*. Para ello se revisará parte de la bibliografía existente sobre las cuatro revistas y se consultarán algunos ejemplares de las mismas. Como resultados esperados hay que citar el parecido papel desempeñado por *Sempre Fixe* y *La Codorniz* en la lucha contra la censura de prensa bajo las dictaduras de Salazar y Franco, y por *A*

*Mosca* y *Hermano Lobo* en el renacimiento del humor gráfico en Portugal y España a comienzos de la década de 1970; así como las similitudes existentes en las circunstancias relacionadas con el auge y el declive de las dos primeras revistas, por un lado, y de las dos últimas, por otro.

### O DESIGN EDITORIAL NA IMPRENSA: DO PÓS-25 DE ABRIL À CONTEMPORANEIDADE

Sónia Rafael  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Desenhar uma página de jornal é um processo de composição visual que implica a ordenação e a disposição dos elementos no plano, com o objetivo de lhes conferir impacto, equilíbrio e legibilidade, assim como uma determinada “ressonância” que esteja de acordo com a linha editorial e gráfica pré-definida.

Na composição, combinam-se textos, títulos, subtítulos, legendas, fotos, ilustrações, infografias, cores, tipografias, espaços brancos, publicidade, etc., conforme o seu grau de importância e segundo critérios de hierarquia. Müller-Brockmann (1981) refere que trabalhar com um sistema de grelhas significa submeter-se a leis de validade universal e que o seu uso implica o desejo de sistematizar, de se focar no essencial e dar lugar à objetividade em detrimento da subjetividade.

Nas últimas décadas, a dimensão visual dos meios de comunicação passou por mudanças significativas, em particular nos jornais impressos. A velocidade e a voragem da comunicação determinam a que os conteúdos informativos cheguem rapidamente aos meios audiovisuais, à rádio e à *www*, reservando para os jornais um tempo particular relativamente desfasado do tempo informativo, mas conferindo-lhe um espaço maior para questionamento e deriva.

McLuhan, ao enunciar que *o meio é a mensagem*, impele-nos a considerar que quando um leitor adquire um jornal está a adquirir o meio mais do que as notícias e, por esse motivo, a identidade visual, a narrativa e o estilo jornalístico tornaram-se cada vez mais determinantes para a escolha.

Neste artigo, através de análise comparativa, proponho analisar o design editorial, o *layout* e o formato dos jornais portugueses mais relevantes (primeira página e plano interior – conjunto de páginas par/ímpar) nos últimos 45 anos, em que se verificou uma mudança de paradigma do suporte impresso para o digital, assim como a introdução do uso de cor, que permitiu às diferentes publicações marcarem as diferenças necessárias para conquistarem os seus próprios leitores.

## **DESIGN DE INFORMAÇÃO E ELEIÇÕES: ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS INFOGRAFIAS DOS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS NO JORNALISMO IMPRESSO EM PORTUGAL**

**Milton Cappelletti**  
Universidade de Vigo

As eleições legislativas são um terreno fértil para a infografia, que encontra neste evento material para exercer todas as suas potencialidades narrativas. A infografia, como género jornalístico ou ferramenta informativa, consiste na representação de um conjunto de dados, informação, evento, fato, acontecimento ou tópico através de uma combinação de códigos icônicos e verbais com o objetivo de facilitar, ampliar, detalhar ou simplificar uma informação. A sua presença e importância cresceram com a popularização da informação gráfica e com a evolução tecnológica, que permitiram a exploração de novas narrativas visuais. Indicar vencedores e vencidos, maiorias e minorias no hemiciclo, perdas e ganhos em assentos parlamentares e distribuição dos votos por concelho e distrito são algumas das informações que necessitam ser comunicados visualmente de maneira a contar a história. A produção de infografias obedece uma série de processos amparados pelo Design de Informação, uma disciplina que rege os os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem a contextualização, planeamento, produção e desenho da informação. Este trabalho tem como objetivo descrever e verificar a evolução do Design de Informação das infografias dos resultados das eleições legislativas em Portugal no jornalismo impresso. A partir

de uma metodologia descritiva e qualitativa, aplicada ao trabalho publicado pelos jornais Público, Diário de Notícias e Expresso para as eleições legislativas de 2002, 2005, 2009, 2011 e 2015, foi possível inferir quais os tipos de gráficos mais utilizados e que informação representam, o uso da cor como informação, a hierarquização da informação visual na página impressa e as estratégias utilizadas para mostrar comparação, distribuição, evolução e relação entre os dados.

## **DO PÓS-25 DE ABRIL À ERA DIGITAL: 45 ANOS DE FOTOJORNALISMO PORTUGUÊS**

**Fátima Lopes Cardoso**  
ESCS-IPL e ICNOVA

O fotojornalismo contemporâneo português atravessou, nos últimos 45 anos, três momentos de mudança assinaláveis. Numa primeira fase, que corresponde aos anos 50, 60 e 70, a fotografia de imprensa era incumbência de profissionais “bate-chapas”, com pouca escolaridade, acrílicos e sem capacidade para conceptualizar a imagem, que operavam num meio monopolizado por cerca de quatro profissionais, a chamada “máfia da fotografia”. À saída dos anos 80 e entrada de 90, surgiram projetos editoriais relevantes, como o jornal *Independente* (1988) e o *Público* (1990), onde fotógrafos experientes se cruzaram como jovens profissionais decididos a marcar a diferença. Embora com linhas editoriais distintas, a secção de fotografia auferia um reconhecimento jornalístico considerável, na estrutura hierárquica das redações dos dois títulos, com os editores de fotografia a exercerem o poder de decisão editorial, algo que nunca tinha acontecido até à data. A forte aposta na imagem no jornal *Público* e semanário *Independente* desencadou uma reação nas chefias do *Expresso* e *Diário de Notícias*, que também decidiram investir na fotografia. Nesta altura, chegaram à redação muitos repórteres fotográficos que acumulavam formação superior com cursos especializados em fotografia. Foi neste contexto que, com o advento do digital no jornalismo português, no início dos anos 2000, os fotojornalistas se tornaram, em geral, nos profissionais de

jornalismo tecnologicamente mais bem preparados das redações nacionais. Com a crise financeira, que se agudizou a partir de 2008, a qualidade estética, técnica e informativa dos repórteres fotográficos parece ter deixado de ser valorizada. A queda de vendas dos principais jornais tornou-se cada vez mais acentuada. Hoje, muitas publicações já cessaram e as que ainda existem estão longe dos parâmetros de seriedade e rigor que existiram na década de 90. Os cortes financeiros internos começaram exatamente pela editoria de fotografia, com sérias consequências para o papel que a fotografia exerce enquanto linguagem essencial do jornalismo. Com recurso a análise de fotografias publicadas nos jornais, durante este período, e a 90 entrevistas qualitativas, conseguiu-se reconstruir uma história do fotojornalismo português nos últimos 45 anos, demonstrando como, em apenas quatro décadas, os fotojornalistas passaram dos menos reconhecidos até aos profissionais de jornalismo mais qualificados da imprensa nacional.

## **A IMAGEM FOTOGRÁFICA NO INDEPENDENTE E NA K (1988-1992): UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**Maria Filomena Barradas**

Instituto Politécnico de Portalegre

O editorial do número 10 da revista *K*, de Julho de 1991, intitulado “Os Bonecos”, reflectia sobre o uso da imagem fotográfica no contexto do jornalismo português. Contestando a prática que encarava a fotografia “como o produto da máquina fotográfica”, o editorial sublinhava o potencial artístico, narrativo e argumentativo do dispositivo fotográfico. Esta abordagem não representa decerto uma novidade. A revista fundada por Miguel Esteves Cardoso alinhava-se, assim, com preceitos que, embora não estivessem claramente enunciados, eram uma prática da redacção de *O Independente*: aí, as vistosas e chocantes primeiras páginas, os ensaios fotográficos de jovens artistas, os instantâneos de Esteves Cardoso, ou a publicação, em tradução própria do ensaio de Walter Benjamin, “História da Fotografia”, sinalizavam a importância da imagem no semanário.

De facto, a relevância dada às imagens fotográficas no contexto destas duas publicações será o que orienta o trabalho exploratório que aqui se apresenta. Nele revisitaremos tanto *O Independente* como a *K*, pondo em destaque o período entre 1988 e 1992, de maneira a cobrir o tempo de vida da revista (1990-1992) e a procurar pontos de intersecção o semanário no período antecedente. Em relação ao *Independente*, focar-nos-emos no Caderno 3, dedicado à cultura e às artes. Em relação à *K* procuraremos identificar quais as secções onde a fotografia se apresenta como cerne. A partir dos exemplos colhidos, procuraremos estabelecer uma tipologia das imagens fotográficas, procurando dar resposta a algumas perguntas: no contexto tanto do *Independente* como da *K* as fotografias ilustram peças jornalísticas? Ou funcionam uma forma discursividade autónoma? Nesse caso, sinalizam géneros jornalístico-fotográficos ou pretendem subvertê-los? A resposta a estas questões ajudar-nos-á a sustentar a tese de que tanto *O Independente* como a *K* foram construtores de uma iconografia muito própria no final do século XX português.

## **HISTÓRIA DA IMPRENSA (III)**

### **IMPRENSA E CONSTITUCIONALISMO, UMA CONCORRÊNCIA OU UMA DEPENDÊNCIA?**

**João Palmeiro**

Associação Portuguesa de Imprensa

A relação entre a regulação legal e o lançamento de publicações periódicas acompanha passo a passo as mudanças «constitucionais» em Portugal e traduz a visão com que correntes políticas procuraram tratar o ato jornalístico e a atividade editorial periódica em Portugal. A relação entre as leis que permitem editar e as leis fundamentais da nação portuguesa, claramente desde 1820, nascimento do constitucionalismo, e perfeitamente desde o século XVII, desenvolvimento da impressão, organização da inquisição e ordenação de corpus legais mantém um padrão que aponta para o papel fundamental que as liberdades de

expressão e imprensa, apesar das atividades censórias, tem tido na sociedade portuguesa. Períodos férteis em transformações como o período central do séc. XIX, o período que compreende as guerras portuguesas no séc. XX, ou ainda o lugar desta legislação no quadro das leis coloniais e ultramarinas é fundamental e central para o estudo e a compreensão da história do jornalismo português. Procurar traçar um padrão de atuação de partidos políticos e da relação do marco legal com as evoluções tecnológicas na área dos media será conjugado com as tentativas informais de controle para legal o núcleo de investigação que se pretende lançar. A atividade dos jornalistas e o seu reconhecimento social terá também uma secção de análise que inclui as liberdades sindicais e, deontológicas e éticas ao longo dos secs. XIX, XX e XXI. A relação do marco legislativo português com as normas supranacionais resultantes da declaração universal e convenção europeia dos direitos do homem serão igualmente considerados. Não será possível compreender a história do jornalismo português sem conhecer o edifício legal que a cerca e a sustenta.

### **O CONCILIADOR DO MARANHÃO: IDEIAS, LEITORES E INTERLOCUTORES**

**Marcelo Cheche Galves**

Universidade Estadual do Maranhão

No dia 15 de abril de 1821 circulou o primeiro número do jornal *O Conciliador do Maranhão*. Consequência quase imediata da adesão da capitania do Maranhão a Revolução do Porto, ocorrida nove dias antes, tal experiência, a primeira do gênero na capitania, transformara-se em uma das mais longevas em território luso-brasileiro. Bissemanal, teve 212 edições, até o final de julho de 1823, momento de incorporação da agora província do Maranhão ao Império do Brasil. Para os propósitos desse trabalho, o objetivo é explorar os elementos que possibilitaram a criação e consolidação do periódico, tendo em vista o momento de construção de espaços públicos de representação política e de difusão da palavra impressa, agora sob o viés constitucional. Para tanto, serão priorizados aspectos relacionados às relações políticas e econômicas que viabilizaram o projeto de publicação do

jornal, bem como elementos que potencializaram certa demanda por cultura escrita (impressa) na cidade de São Luís, capital do Maranhão. Por fim, e sob a perspectiva do jornal como ingrediente do debate político, será possível compreender melhor as ideias defendidas nas páginas pelo *Conciliador* e a forma como se conduziu em dois períodos particularmente tensos: nos meses que sucederam a Revolução do Porto, tendo em vista as expectativas dissonantes promovidas pela novidade constitucional; e nos meses após a chegada das notícias, vindas do Centro-Sul, sobre o projeto de independência, capitaneado pelo Rio de Janeiro.

### **DIÁRIO DE NOTÍCIAS, A SUCCESSFUL PORTUGUESE JOURNALISM PROJECT IN AN ADVERSE ENVIRONMENT**

**Helena Lima**

**Jorge Pedro Sousa**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA

Portuguese journalism of the 19th century suffered the influence of the political parties or wealthy elites and newspapers were read by this narrow audience and circulation was poor due to low reading rates. In 1864, *Diário de Notícias* represented a turning point in the press evolution process. It had an easy style, and an informational purpose. It was 'a newspaper of all and for all - for rich and for poor, for both sexes and all conditions, classes and parties.' It meant a change in terms of news coverage enhanced by a popular writing style. This study aims to show how *Notícias* represents a turning point in the ideological journalism model and also its relation to popular international newspapers, as an analysis framework. The methodology will rely on original documentation and newspapers and will focus on Eduardo Coelho and his role in *Diário de Notícias's* history.

## O JORNAL A VOZ DO OPERÁRIO AOS 140 ANOS DE IDADE: SOBREVIVENTE DE UMA MEMÓRIA APAGADA

Luís Carvalho

Universidade Nova de Lisboa

O jornal *A Voz do Operário* cumpre em Outubro de 2019 o seu 140º aniversário. É um dos mais antigos periódicos portugueses em actividade e um raro sobrevivente de uma importante página na história da imprensa em Portugal: a rica e diversificada imprensa operária e sindical que existiu antes da ditadura instaurada em 1926. Fundado por operários tabaqueiros, o jornal *A Voz do Operário* veio a tornar-se num dos mais destacados periódicos socialistas portugueses no primeiro quartel do século XX, nomeadamente durante a 1ª República. Teve por exemplo um destacado papel na divulgação do marxismo em Portugal. Considerando que a particular longevidade de uma ditadura de cariz fascista provocou uma particular perda de memória colectiva e de informação histórica sobre o antigo movimento operário português e a respectiva imprensa; considerando que a historiografia produzida nos últimos 45 anos está longe de colmatar esta lacuna; e recorrendo ao estudo da coleção d'*A Voz do Operário*, cruzando-a com outras fontes da época, nomeadamente publicações periódicas, e com os arquivos da Sociedade de Instrução e Beneficência *A Voz do Operário*, procuramos nesta comunicação compreender em traços gerais a história deste jornal desde a sua origem até ao 25 de Abril de 1974 (um período de 95 anos), analisando as suas rupturas e continuidades ao sobreviver sob quase meio século de ditadura. Veremos que apesar dos constringimentos de um contexto de censura e repressão que em grande medida o descaracterizou, este jornal foi um polo de resistência da memória colectiva e da informação histórica sobre o antigo movimento operário que existiu antes da ditadura.

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (IV)

### A IMPRENSA DO PORTO NA DITADURA MILITAR (1926-1927)

Joaquim Cardoso Gomes

ICNOVA

A imprensa do Porto acompanhou a explosão comunicacional do final de Oitocentos acabando por triunfar na viragem para o século XX um jornalismo noticioso e popular. Aquando do golpe de 28 de maio de 1926 já era visível a tendência oligopolista na imprensa portuense com apenas cinco jornais diários que a Ditadura Militar reduziu aos três «colossos jornalísticos», *O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro* e o *Jornal de Notícias*, após a fracassada revolução de fevereiro de 1927.

Neste estudo destacamos a especificidade da imprensa do Porto face à Ditadura Militar utilizando como fonte principal os cinco diários, num momento em que por força das contradições e hesitações dentro da Ditadura Militar ainda é possível descortinar o posicionamento da imprensa. Dividida em dois campos, a grande imprensa de raiz oitocentista e os dois diários republicanos, *A Montanha*, órgão partidário do Partido Democrático, apeado do poder, e o *Diário do Porto*, republicano moderado, analisamos o posicionamento de ambos no arrastado processo de implementação da censura prévia no Porto, as estratégias dos jornais para a combater e, por fim, a posição assumida por cada um perante a revolta reviralista de 3-7 de fevereiro de 1927. A resistência do republicanismo conservador do Porto, dentro do exército, explica o arrastado processo de implementação da censura prévia à imprensa na Invicta, suspensa entre 18 de julho e 8 de agosto de 1926, numa situação sem paralelo no resto do país.

## A GRANDE IMPRENSA DO PORTO E O ESTADO NOVO (1933-1968)

Joaquim Cardoso Gomes

ICNOVA

Neste estudo procuramos escrutinar, numa perspetiva histórica, a relação da grande imprensa do Porto com o poder autoritário do Estado Novo e a perceção que o regime salazarista tem sobre essa imprensa até 1968.

A orientação da grande imprensa portuense e o questionamento do seu grau de independência face ao poder político tem-se revelado um processo complexo que apela à elaboração de monografias ou estudos aprofundados sobre a imprensa nesse período. Desde 1933, passando por momentos de crise do regime, em 1945, e na segunda crise desencadeada pelo «terramoto delgadista», encontramos evidência de dissonância entre o regime e a grande imprensa do Porto, traduzida na atenção que os organismos de Estado lhe dedicam, quer na aplicação de medidas penalizadoras, quer em relatórios ou comentários sobre o seu alinhamento político.

Se o final da Segunda Guerra Mundial proporcionou o início do distanciamento do *Jornal de Notícias* face ao regime, o pós-delgadismo de 1958 levou a um maior afastamento dos três «colossos jornalísticos» do Porto. Salienta-se que a nova política para com a imprensa posta em prática desde 1959 teve como primeiro alvo o periódico mais conservador, *O Comércio do Porto*, como que sinalizando os novos limites que o poder pretendia fixar num momento em que o *Jornal de Notícias* ultrapassava a concorrência em tiragens, fruto de uma orientação mais popular. Utilizaremos como fontes primárias a documentação das instâncias que se pronunciam sobre a imprensa nomeadamente a Direção dos Serviços de Censura, o Secretariado da Propaganda Nacional, os ministérios, nomeadamente, do Interior e da Guerra, os arquivos militares e a própria Presidência do Conselho. Também recorreremos à imprensa como fonte complementar e aos escassos testemunhos de jornalistas com destaque para os do *Jornal de Notícias*.

## O TRIBUNAL DE NUREMBERGA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Priscilla Piccolo Neves

CEIS20 – Universidade de Coimbra

O objetivo central deste trabalho reside na possibilidade de entender as sentenças proferidas nos julgamentos do Tribunal de Nuremberga dos principais líderes nazistas que foram capturados após a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, através das páginas do jornal português *Diário de Notícias*, partindo do pressuposto de que o periódico apenas reproduzia as notícias veiculadas em Nuremberga, Alemanha. Neste trabalho, será feita a reconstituição histórica da trajetória do partido nazista alemão dos anos 30 e 40, acompanhada pela análise sobre o que foi e qual foi a importância dos julgamentos realizados pelo Tribunal de Nuremberga. Por fim, será realizada a pesquisa documental das notícias sobre a liberação das sentenças dos réus deste julgamento retratadas pelo jornal *Diário de Notícias*, nas datas de 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 1946. O jornal *Diário de Notícias* foi escolhido para este trabalho por ser, até a presente data de apresentação desta pesquisa, um dos jornais de maior circulação nacional e de grande importância local. A escolha desta temática foi orientada pela concepção de que o Tribunal de Nuremberga é considerado o primeiro e maior tribunal de crimes de guerra já visto pela humanidade, no qual indivíduos foram julgados e responsabilizados por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Partilha-se aqui da perspectiva de que o uso de jornal como fonte de conhecimento é de crucial importância para compreender o carácter de mudança e continuidade em torno dos acontecimentos que englobam informações de interesse público, ligadas a questões sociais, econômicas, culturais e políticas.

## **O DISTRITO DE PORTALEGRE: A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NO CONTEXTO REGIONAL E LOCAL**

Sónia Lamy (1)

Adriana Guimarães

Nuno Fernandes

Luís Bonixe (1)

Instituto Politécnico de Portalegre e (1)  
ICNOVA

Esta proposta de comunicação visa aludir as características que nortearam desenvolvimento da imprensa regional e local de Portalegre. Para tanto, pretendemos analisar o jornal intitulado *O Distrito de Portalegre*, órgão de âmbito local, que nos permite acompanhar as mudanças que ocorreram nas publicações periódicas ao longo de mais de um século de existência. *O Distrito de Portalegre* fez história e contou com uma vida longa. Foi publicado entre 27 de abril de 1884 e 29 de abril de 2010. Com uma longevidade assinalável o jornal portalegrense vivenciou renovadas formas de conteúdos, diversos critérios de seleção da informação, diferentes formas de enquadramento, titulação e redação que vão ser alvos de análise. De forma a analisar algumas mudanças ocorridas ao longo de 126 anos de existência, procedemos à constituição de uma amostragem do jornal, de 25 em 25 anos. Estes números foram examinados a partir de uma grelha de análise previamente concebida, com a qual pensamos poder demonstrar algumas características centrais deste órgão de imprensa regional.

## **HISTÓRIA DA IMPRENSA (V)**

### **CENSURA: IDEOLOGIA EM ACÇÃO**

Júlia Leitão de Barros

ESCS/IPL

A censura foi um instrumento político disponível, de valor incalculável, sem o qual não é possível entender a afirmação no poder da corrente autoritária nacionalista católica. Mas está por estudar o papel da censura na luta política da ditadura militar (1926-1933).

Proponho-me refletir sobre a afirmação do aparelho de censura, no interior da ditadura militar, e o seu impacto nas práticas jornalísticas no período de pré institucionalização do Estado Novo. Com base no espólio da Ephemera, irei analisar os primeiros boletins semanais de cortes à imprensa, até hoje inacessíveis aos historiadores, redigidos semanalmente, pela Direção dos Serviços de Censura à Imprensa, entre março e novembro de 1932.

A importância desta documentação só pode ser avaliada se tivermos em conta que, neste período, o ministro das Finanças, António Oliveira Salazar, ascende, finalmente, à Presidência do Conselho de Ministros (em julho). Mas não só. Este é o momento em que se “discute” o projeto de uma nova Constituição, em que a direita radical se autonomiza e lança uma nova organização política, o movimento nacional-sindicalista, e o meio sindicalista, comunista e anarco-sindicalista, avança com várias iniciativas de luta contra as medidas legislativas no campo laboral. O que assistimos durante o ano de 1932, ainda antes da promulgação da Constituição de 1933, é ao estabelecimento de fortes constrangimentos na divulgação de informação atual que interferem continuamente nas já de si precárias, insuficientes, e imprecisas práticas de jornalísticas em vigor. Interessa-nos aqui realçar que uma grande parcela da atividade censória recaía não sobre opiniões, ou comentários, mas sobre a matéria-prima em que se vinha edificando a imprensa escrita e o trabalho jornalístico: a informação. A atuação da censura implicava toda a sociedade portuguesa condicionando a experiência e percepção daquele tempo histórico.

### **O PORTUGAL-INGLATERRA DE 1946 E O VALE DOS CAÍDOS DE 1965: RUPTURAS EXCEPCIONAIS NA CENSURA DA IMPRENSA DESPORTIVA**

Gonçalo Pereira Rosa

CECC/UCP

Isentos de apresentar provas prévias à censura durante o Estado Novo, excepto na sequência de episódios pontuais em que transgrediram as normas definidas pelos censores, os jornais desportivos

portugueses constituíram o exemplo mais categórico de auto-censura profissional por receio de punição posterior.

O espectro das multas, das sanções administrativas com consequências económicas e da própria suspensão das publicações foi, em muitas circunstâncias, suficiente para refrear o eventual ímpeto contestatário dos jornalistas.

A análise da actividade de mais de trinta anos de Censura (sob diversas designações) sobre os jornais *A Bola* e *Mundo Desportivo* expressa esses constrangimentos auto-impostos e resolvidos internamente pelo próprio sistema de regulação de conteúdo promovido pelas duas empresas jornalísticas.

Embora a crónica desportiva alimente com frequência a culpabilização de factores externos como justificação do insucesso competitivo, esta análise alimenta a conclusão de que as autoridades do árbitro e da federação raramente foram beliscadas pela crónica até 1974, confirmando aquilo que Raul Rego já anunciara, em memória publicada no próprio ano da revolução: «A esse ponto chegou em Portugal o endeusamento da autoridade, o princípio fascista de que o Duce tem sempre razão... até quando se trata de um duce do apito.» Esta comunicação sublinha ainda o valor exemplar das punições sofridas pelos dois jornais e utilizadas pelas chefias de redacção como alerta décadas após os episódios originais. A sanção que recaiu sobre *A Bola* em 1946 após uma crónica jocosa sobre um jogo particular da selecção portuguesa de futebol e a rápida admoestação do chefe de redacção do *Mundo Desportivo* após uma alegoria infeliz entre um jogo de futebol e o monumento icónico do franquismo em 1965 simbolizaram raras ocasiões em que as autoridades exerceram o veto à publicação dos jornais, infligindo fortes danos patrimoniais e criando incidentes simbólicos lembrados daí em diante.

## **OFENSA, ULTRAJE, PROVOCAÇÃO, ... OS CORTES DA CENSURA NA ALVORADA DO MARCELISMO**

**Maria Inácia Rezola**

ESCS-IPL; IHC-UNL

A morte política de Salazar e a sua substituição por Marcelo Caetano (Setembro de 1968), gera uma enorme expectativa dado que, na sua primeira comunicação ao país, o novo Presidente do Conselho deixa antever uma intenção liberalizante. No entanto, as suas primeiras disposições sobre a censura (14 de Outubro de 1968) apontam num sentido diverso em pouco diferindo das habituais sobre a defesa da ordem política e social e da "moral cristã tradicional do país". A sua actuação no contexto das eleições de 1969 confirmam esta realidade.

Cumprir assinalar que, ainda que os meios institucionais, nomeadamente os repressivos, utilizados na gestão da política de informação, na primeira fase do Marcelismo, apresentem inúmeras semelhanças com período anterior, há diferenças assinaláveis entre os dois. Obstinado adversário do estado liberal, da democracia parlamentar e do sistema partidário, Caetano é portador de uma concepção da opinião pública a que subjaz um papel activo do Estado e nela a censura emerge como um instrumento da sua actuação.

Com esta comunicação propomo-nos lançar pistas para aprofundar os estudos sobre a censura à imprensa nos primeiros anos do Marcelismo e sobre o posicionamento do poder político relativamente à informação. Para tal propomo-nos, a partir da documentação da Direcção dos Serviços de Censura, analisar a intervenção da Censura na imprensa diária e nos telexes das agências noticiosas, no segundo semestre de 1970. Serão também tidas em conta outras informações presentes nos relatórios de cortes diários como sejam as intervenções nas revistas e jornais estrangeiros, livros proibidos. Através da amostra definida, procurar-se-á estabelecer uma tipificação dos cortes efectuados, nomeadamente no que diz respeito à temática, ao grau de intervenção (tipo de corte efectuado), âmbito, órgãos visados e frequência. Finalmente, os resultados desta análise serão confrontados com as instruções aos censores emanadas da Direcção Geral de

Informação a 5 de Fevereiro de 1971 – no contexto da apresentação à Assembleia Nacional da uma proposta de Lei de Imprensa, o regime revela-se inquieto com a uniformização e “fundamentação legal” da actuação da Censura.

## **A HISTÓRIA DA IMPRENSA PORTUENSE: O «CRIME DA RUA DO SOL» E O NOVO JORNALISMO DOS ANOS 60**

**Elsa Costa e Silva**

CECS – Universidade do Minho

Esta comunicação propõe-se investigar a presença nos diários do Porto das novas tendências do jornalismo português, identificadas por Correia e Baptista (2005; 2007) sobretudo na imprensa lisboeta. De acordo com estes autores, apesar do regime autoritário e repressivo do Estado Novo, um novo registo menos burocrático, mais criativo e experimental, acompanhado de uma aposta em géneros como reportagem e entrevista, começou a verificar-se na imprensa. Através de um estudo de caso, esta comunicação apresenta a análise à cobertura jornalística nos três periódicos portuenses (Comércio do Porto, Primeiro de Janeiro e Jornal de Notícias) do “Crime da Rua do Sol”, um caso emblemático da cidade do Porto, de forma a identificar os sinais de mudança na cobertura noticiosa. Foram recolhidas as 36 peças publicadas sobre o assunto entre os dias 23 de outubro e 08 de novembro de 1963, que foram analisadas em função do registo, da presença de fotografia, do género jornalístico e das fontes de informação utilizadas. A análise aponta para a presença de novas tendências do jornalismo português, mais acentuadas no Jornal de Notícias, apesar do regime autoritário vigente em Portugal.

## **O JORNALISMO PORTUGUÊS NA COBERTURA DAS ELEIÇÕES DE HUMBERTO DELGADO**

**Ana Cabrera**

IHC/UNL

A historiografia contemporânea refere-se ao terramoto delgadista para aludir ao efeito da candidatura à presidência da República do general de Humberto Delgado (Rosas:1993; Reis: 1990). Na verdade, a aparente imutabilidade do regime, sofre um grande abalo, não só com a candidatura, mas também com a campanha eleitoral feita em moldes inéditos, até aí, no Portugal da ditadura salazarista. A expressão “obviamente demito-o” endereçada a Salazar, por um general formado no regime, abria brechas e contribuiria largamente para a grande mobilização em torno do general. A campanha para as eleições presidenciais teve início em 10 de maio e teve como momentos altos a visita ao Porto a 14 de maio e a chegada a Lisboa a 16 do mesmo mês.

A imprensa portuguesa cobre largamente esta campanha e mobiliza para o efeito os seus melhores e mais competentes repórteres. O estudo da cobertura desta campanha eleitoral pode fazer luz sobre as origens das mudanças no jornalismo português patentes ao longo dos anos 60 (Cabrera 2006; Baptista e Correia 2007). A investigação centra-se nos jornais mais influentes do regime numa seleção de periódicos que procura atender a diversos estilos e a diversas contribuições para a formação de jornalistas, que vão desde os matutinos Diário de Notícias e Século, aos vespertinos Diário Popular e Diário de Lisboa, num período entre 10 de maio e 8 de junho.

O objetivo desta comunicação é compreender como foi possível, apesar da censura, fazer chegar ao público os ecos desta campanha e problematizar em que medida, esta disruptiva campanha eleitoral teve efeitos na cobertura jornalística, abrindo a porta a um novo estilo de reportagem.

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (VI)

### MUCHO RUIDO Y POCAS NUECES. LA ANODINA COBERTURA MEDIÁTICA DEL VIAJE DE MARCELO CAETANO A ESPAÑA

Clara Sanz Hernando  
UCLM

El primer ministro portugués, Marcelo Caetano, realizó su primera visita oficial a un país extranjero en mayo de 1970. Fue a España, tras haber sido legitimado por las elecciones de 1969. En el país vecino fue recibido por Carrero Blanco, entonces vicepresidente del Gobierno. En la apretada agenda confeccionada para la ocasión, también compartió protagonismo con el general Franco y con el príncipe Juan Carlos de Borbón. Para Portugal, este viaje al país vecino, con quien iba a revitalizar el Pacto Ibérico, era importante para romper la situación de aislamiento internacional en el que se encontraba. Caetano procuró el apoyo de España para contener las condenas que recibía de organizaciones internacionales, especialmente de la ONU, por su política colonialista y contraria al derecho de autodeterminación de Angola, Mozambique y Guinea. Este trabajo analiza la cobertura que dos diarios portugueses (*Diário de Notícias* y *Diário Popular*) y dos españoles (*ABC* y *Pueblo*) hicieron de este acontecimiento. Se emplea una metodología mixta, con un enfoque cuantitativo y cualitativo, así como un análisis comparativo para contrastar las diferencias y semejanzas que presentaron los rotativos. Entre las conclusiones obtenidas, destacamos que la prensa de ambos países subrayó este acontecimiento, si bien la portuguesa realizó una mayor cobertura; que los diarios de referencia (*ABC* y *Diário de Notícias*) mostraron más interés que los populares; que todos ellos se decantaron por el estilo informativo y que gran parte de los textos publicados no iban firmados o procedían de agencia informativa. En las piezas analizadas es más relevante lo que se oculta que lo que se expresa. Y ello, como consecuencia del control de la prensa imperante en ambos países.

### OBSERVADOR: A NEWSMAGAZINE DA PRIMAVERA MARCELISTA

Carla Rodrigues Cardoso  
ULHT

Lançada pelo grupo editorial Verbo, a 19 de fevereiro de 1971, sob direção de Artur Anselmo, a *Observador* é a primeira newsmagazine portuguesa pensada de raiz. Segue o modelo da *Time*, revista criado nos Estados Unidos, por Briton Hadden e Henry Luce, em 1923, que inaugura a revista semanal de informação geral, modelo replicado internacionalmente. Na Europa, as primeiras newsmagazines chegam a partir da década de 40 do século XX (a alemã *Der Spiegel*, em 1947, as francesas *L'Express* e *Le Nouvel Observateur* em 1964), fruto da transformação de jornais que lutam por viabilidade financeira e que abraçam o modelo de revista como solução, tal como aconteceu em Portugal, com a *Vida Mundial*, em 1967. Cuidadosamente planeada e testada através de quatro números zero ao longo de quatro meses, a *Observador* vem precisamente disputar território com a *Vida Mundial*, embora o preço, 50% superior, indicasse um público-alvo mais elitista. A revista atravessa a Primavera Marcelista até sucumbir a uma grave crise na imprensa, provocada pelo aumento descontrolado do preço do papel. Este artigo revela a história de uma publicação que se apresenta como moderna e livre, com claras influências gráficas e editoriais das congéneres americanas e europeias, mas que convive ao longo de três anos com o regime de censura prévia. Semana após semana, aposta maioritariamente em chamar à capa temáticas políticas e económicas de cariz internacional, escapando, assim, aos censores, mas não aos críticos que a acusam de alinhamento com o regime de Marcelo Caetano. Nem essa suposta proximidade com o poder, nem a associação a um grupo económico forte, como a Verbo, impediu a *Observador* de fechar portas a 22 de fevereiro de 1974, dois meses antes da Revolução do 25 de Abril.

## **BLOCO HISTÓRICO EM CRISE: ANALISANDO O *DIÁRIO DE LISBOA* – UM MOVIMENTO DE CONTRA- HEGEMONIA?**

Werbeth Serejo Belo

CEIS20/UC

A questão da busca pela verdade e imparcialidade nas reportagens e a sustentação da tese de que esses são dois aspectos-chave dos jornais que tem um compromisso com a sociedade. No entanto, sabe-se que esta pode ser considerada uma característica inatingível pela objetividade da função dos periódicos, isto é, o caráter meramente informativo sustentado por muitos impressos está mais próximo de textos de opinião travestidos de “compromisso com a verdade”. O tema central deste texto é a função do *Diário de Lisboa* a partir da análise da política econômica do governo de Marcello Caetano durante a execução do III Plano de Fomento. O objetivo central, assim, é perceber objetivamente o posicionamento do periódico em análise frente à política econômica de Caetano, de modo que serão feitas análises do III Plano de Fomento concomitantemente à análise do vespertino a fim de afirmar que este meio de comunicação foi fundamental para a contestação do consenso criado em torno da política econômica, podendo ser caracterizado como Aparelho Privado de Hegemonia, isto é, como instrumento eficaz na contestação do bloco histórico em hegemonia.

## **O SATÍRICO NA IMPRENSA DAS UNIDADES MILITARES DURANTE A GUERRA COLONIAL**

Jair Rattner

ICNOVA

Criados com o objetivo de criar um espírito de corpo entre os combatentes na guerra colonial, os jornais das unidades militares estacionadas nos então chamados “territórios ultramarinos” tinham como característica o facto de a maior parte deles ter estrutura semelhante: uma carta do comandante, uma secção de informações sobre a unidade militar, um artigo do capelão, artigo ufanístico sobre a

história de Portugal, histórias edificantes e uma parte de diversões e desportos, sendo que alguns deles também contavam com uma secção de cultura. No entanto, apesar de constituírem a defesa do projeto nacional de domínio daqueles territórios, muitos desses jornais traziam artigos e desenhos satíricos desalinhados com a posição dominante do regime. O tom crítico tinha como alvo a falta ou má qualidade do equipamento para o combate, à má qualidade da alimentação, à desorganização das estruturas militares e até à falta de sentido das ordens de comando. Este trabalho foi realizado com base em 357 jornais de unidades existentes na Biblioteca do Exército, tendo sido escritos em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Trata-se de publicações em vários suportes: a maior parte é mimeografada, mas também há impressos e até manuscritos.

## **COLABORAÇÃO E VIGILÂNCIA ENTRE OS REGIMES: UMA ANÁLISE DOS DOSSIÊS SOBRE O JORNAL *PORTUGAL DEMOCRÁTICO* DEPOSITADOS NO ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (1971- 1974)**

Leonardo Leal Chaves

CEIS 20 – Universidade de Coimbra

O presente trabalho se propõe a analisar as relações de colaboração entre os órgãos de segurança e informação dos regimes ditatoriais de Portugal (Directoria-Geral de Segurança – DGS), já sob a égide de Marcello Caetano, e do Brasil (Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS) na primeira metade da década de 1970, a partir da investigação dos conteúdos dos dossiês depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro sobre o jornal *Portugal Democrático*, publicação de portugueses exilados no Brasil desde a década de 1950 e importante instrumento de crítica ao regime idealizado por António Oliveira Salazar. A escolha do recorte temporal se deu a partir da elaboração dos respectivos dossiês, muito embora a atuação do jornal *Portugal Democrático* remeta ao ano de 1956, não há referência direta sobre o periódico no Arquivo Nacional até o ano de

1970. A pesquisa no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) aponta especificamente para quatro registros sobre o jornal e um sobre seu diretor, Edson Rodrigues Chaves. Outros dossiês foram encontrados que fazem breve menção aos integrantes do corpo editorial do jornal, sendo aqui privilegiados os que se referem diretamente ao jornal e a seu diretor. Desta forma, a preocupação com a vigilância e investigação de ações consideradas oposicionistas, permeadas por técnicas de interceptação de correspondências e monitoramento de conteúdos e atividades de censura, apontariam para uma colaboração entre os regimes ditatoriais luso-brasileiro, pondo em funcionamento suas engrenagens de repressão política e de enquadramento social, características de regimes autoritários, cujo binômio coerção-consenso pode ser aqui interpretado como fundamental para o entendimento da longevidade dos tempos sombrios que marcaram o Brasil e Portugal por décadas.

## O DISCURSO JORNALÍSTICO NA HISTÓRIA (I)

### A REPRESENTAÇÃO DO ANTILUSITANISMO NO BRASIL A PARTIR DA ANÁLISE DE A MATUTINA MEIAPONTENSE (1830-1834)

Alessandra Rodrigues Oliveira Curado  
Universidade Federal de Goiás – UFG

A temática desta pesquisa relaciona-se à história do jornalismo no Brasil com Portugal na primeira metade do século XIX após o processo de Independência, marcado temporalmente em 1822 e efetivado em 1831 – ano da abdicação de Pedro I do Brasil ou Pedro IV de Portugal ao trono brasileiro e seu retorno ao território de origem. A pesquisa terá como objeto empírico recortes do primeiro jornal de Goiás *A Matutina Meiapontense*, como produto cultural de uma sociedade oitocentista, que tratara sob dois vieses: por um lado, um Brasil recém-independente da monarquia portuguesa com ascensão de grupos sociais que iniciaram no país

movimentações de antipatia aos portugueses, inclusive no interior do Brasil, cultivando um ascendente antilusitanismo. E, por outro, portugueses com um sistema monárquico conflituoso e incerto com a morte do rei D. João VI, instauração do período regencial e retorno de Pedro I, filho mais velho de D. João VI abdicado do Brasil, à Portugal. O tema de pesquisa trata da análise do *A Matutina Meiapontense* (Goiás, 1830-1834) no ano de 1831, que marcou o princípio do período regencial. A pesquisa é desenvolvida no proposto pela linha de pesquisa de “*Mídia e Cultura*” do Doutorado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG).

### PRIMEIROS ESBOÇOS DO ROMANTISMO LITERÁRIO NA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA (1830-1840)

Eurico Gomes Dias  
ICPOL-ISCPSI

A vitória definitiva da causa liberal portuguesa após a Convenção de Évora-Monte [1834] abriu o caminho para uma redefinição estrutural da nossa imprensa periódica em vários domínios, donde sobressaiu, entre outras transformações, uma difusão alargada dos modelos literários tipicamente ‘romantistas’. Com evidente influência francesa, mas também acusando um crescente cunho anglo-saxónico, o periodismo nacional transformou-se numa actividade militante em prol da instrução pública e no fomento à participação cívica, contribuindo fortemente para a reabilitação da sociedade portuguesa do pós-guerra civil, agora em pleno arranque para a industrialização e a modernização. Nesse contexto, os inúmeros órgãos periódicos fundados à época foram verdadeiras ferramentas que permitiram auxiliar na reconstrução de uma nação dilacerada por invasões e ocupações militares, ausências e vazios de poder, revoluções e contra-revoluções agudizadas por conflitos civis dilacerantes, cujas feridas demorariam a cauterizar ao longo de toda a Monarquia Constitucional. Assim, os periódicos ditos ‘românticos’ permitirão granjear hábitos de leitura típicos de uma cultura popular pré-massificada e, mesmo não querendo imiscuir-se em querelas político-

ideológicas, o que nem sempre sucedeu, cimentar um verdadeiro Portugal Liberal.

## **UMA ABORDAGEM AO DISCURSO JORNALÍSTICO-MUSICAL ATENDENDO AOS PÚBLICOS-ALVO DA IMPRENSA EBORENSE (1887-1910)**

João Pedro Costa  
CESEM – NOVA FCSH

Correspondente ao período que medeia os anos de 1887 a 1910 foram consultados 40 periódicos generalistas eborenses – diários, bissemanários e semanários –, denotando-se, na sua maioria, um público alvo mais ou menos claro. De igual modo, segundo Tengarrinha (1989, 213-58) a imprensa encontra-se na “fase industrial” tendo esta iniciado, em 1865, com a publicação do *Diário de Notícias*. Nesta fase, para o mesmo autor, os periódicos passaram a depender, quase exclusivamente, dos anúncios cobrados e procuram o seu público alvo, indo de encontro aos seus gostos. Assim, torna-se um objeto mercantilizado e de igual modo, Habermas (1991, 195) também apelida à fase cronologicamente semelhante de “refeudalização da esfera pública”. Conjugando as profissões dos seus proprietários com uma análise dos seus conteúdos, é, na maioria dos casos, possível separar os periódicos consoante classe ou fração de classe a que se destinavam. Enquanto uns se dirigiam aos grandes proprietários e membros da aristocracia – fração dominante da classe dominante –, outros preferiam a inclusão de artigos literários e crónicas sobre costumes ou eventos culturais – fração dominada da classe dominante –, outros ainda incluíam a divulgação de eventos, curiosidades, notícias sensacionalistas e secções literárias e humorísticas sobre o quotidiano local – classe média – e por fim a imprensa das classes populares com artigos satíricos, crítica social e referências constantes ao seu público alvo. No entanto, invariavelmente, todos tratavam as notícias locais, nacionais e até mesmo internacionais. Abordando em específico os periódicos de cada classe ou fração que mais atenção conferiam aos eventos musico-teatrais ou musicais, tem esta comunicação a intenção de debater como o público alvo de cada periódico

modificava o discurso jornalístico-musical e, consecutivamente, a apreciação sobre os mesmos eventos, não só relativa a atuação, mas também a análise ao público presente.

## **“O QUE REPRESENTA A MÚSICA PARA NÓS COMO FORMA DE CULTURA, EM QUE MEDIDA A PREZAMOS, COMO A CONSEGUIMOS VALORIZAR”: A CRÍTICA MUSICAL ENQUANTO CRÍTICA NACIONAL NA IMPRENSA PERIÓDICA DO SÉCULO XX**

Isabel Pina  
CESEM – NOVA FCSH

Para a comunicação proposta parte-se de três das principais figuras da música portuguesa do século XX – Luís de Freitas Branco (1890-1955), Fernando Lopes-Graça (1906-1994) e Joly Braga Santos (1924-1988) – com uma produção jornalística – entre crítica, crónica, entrevista e outros formatos – que, conjuntamente cobre a quase totalidade do século XX e vários tipos de imprensa escrita – generalista, especializada de música, literária. Pretende-se mapear e analisar o papel da crítica musical a imprensa periódica portuguesa da época, num vasto período temporal em que se observa a crítica musical passar de uma simples descrição, muito adjectivada e muito típica dos discursos oitocentistas, para uma fase de nítido enfoque informativo, formativo, pedagógico e, finalmente, nas últimas décadas do século XX, para uma perda notória de relevância enquanto outras músicas e outros *media* dominavam os jornais. Observando as publicações sobre música e essencialmente espalhadas na imprensa generalista portuguesa do século XX, o seu papel enquanto divulgadora – pelo menos até à banalização da rádio – junto do leitor português acerca de acontecimentos e tendências estéticas nacionais e internacionais é incontornável. Uma simples coluna de crítica de concerto, de uma récita de ópera ou de uma audição de alunos de piano, além do carácter pessoal e inevitavelmente parcial de um artigo de opinião, informava o leitor acerca de estéticas passadas, presentes e quiçá futuras, acerca de intérpretes, maestros, compositores, acerca de espaços, salas e públicos, de um modo como, durante muito tempo, nenhum outro meio de

comunicação o fez. Assim, o objectivo central da intervenção que proponho prende-se com a necessidade de diálogo entre os estudos de jornalismo e a musicologia, concretamente os estudos de música na imprensa, e os seus autores e órgãos onde publicavam, e o modo como o estudo de artigos de opinião, neste caso sobre música, se pode tornar fundamental para um panorama mais abrangente do jornalismo português.

## O DISCURSO JORNALÍSTICO NA HISTÓRIA (II)

### A MORTE DE POLÍTICOS NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS: PARA UMA ANÁLISE DIACRÓNICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Inês Fonseca Marques

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A presente comunicação faz parte do projeto de doutoramento intitulado “Narrativas do jornalismo português: a cobertura da morte de grandes figuras”. Trata-se de um projeto com o objetivo de fazer uma análise diacrónica sistematizada das narrativas de imprensa, sob o ponto de vista da narratividade, procurando responder à seguinte questão de investigação: qual o impacto de sucessivos avanços tecnológicos dos dispositivos de mediação, dos contextos socioprofissionais das redações e das mudanças sociopolíticas do país na narratividade dos textos jornalísticos? Para responder a esta pergunta, foi constituído um *corpus* de análise constituído por peças jornalísticas do *Diário de Notícias* relativas à morte de nove figuras políticas, falecidas em períodos distintos da História de Portugal, desde o final do século XIX até à atualidade, a saber: Fontes Pereira de Melo (1887); Sidónio Pais (1918); António Ferro (1956); Humberto Delgado (1965); Salazar (1970); Sá Carneiro (1980); Maria de Lourdes Pintasilgo (2004); Álvaro Cunhal (2005) e Mário Soares (2017). Tratam-se de figuras marcantes na sua época, que se

situam ideologicamente em quadrantes distintos. Deste modo, tendo como referência a obra *Nature et transformation du journalisme*, de Charron e Bonville, pretende-se, nesta comunicação, apresentar resultados de uma análise de conteúdo às narrativas publicadas no *Diário de Notícias*, entre o dia da morte e o dia seguinte ao funeral de cada um dos políticos. Serão apresentados os resultados das variáveis destinadas à análise da evolução da prática jornalística em Portugal: classificação genológica; intervalo entre a ocorrência e a sua representação jornalística; espaço/área geográfica; tipos de fontes; assinatura e titulação; grau de novidade da informação; intertextualidade; modos expressivos utilizados na peça. Além disso, estas variáveis serão enquadradas por uma caracterização do *Diário de Notícias* em cada época, ao nível de grafismo, questões socioeconómicas e sociopolíticas, bem como nos vários contextos do jornal e do país.

### A REVOLUÇÃO AGRÁRIA NO ALENTEJO POR MEIO DAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE ALENTEJO (1974/1976)

Monica Piccolo Almeida Chaves

UEMA

O presente trabalho propõe-se a analisar a cobertura que o jornal *Diário de Alentejo* veiculou ao longo do período em que se deram os primeiros movimentos sociais dos trabalhadores agrícolas da região do Alentejo após a Revolução do Cravos em abril de 1974. Assim, os marcos deste trabalho serão, inicialmente, as primeiras manifestações que reivindicavam o pleno emprego, em 1974, até o fortalecimento político do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, passando pela promulgação da legislação que regulamentou a Reforma Agrária e pelas primeiras ocupações (1975) que levaram à organização das Unidades Coletivas de Produção (UCPs). Assim, todo este processo histórico será reconstituído tomando como referência as páginas do *Diário do Alentejo*, jornal regional publicado em Beja (região que foi o epicentro da organização dos trabalhadores agrícolas), fundado em 1 de

junho de 1932 e que continua em atividade até os dias atuais.

## **UM VERÃO QUENTE NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS: UMA PROFUNDA ANÁLISE DO DN DURANTE O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO EM CURSO – 1975**

**Celiana Azevedo**

NOVA FCSH e ICNOVA

Em 1975, no chamado Verão Quente, a sociedade portuguesa passava pelo Processo Revolucionário em Curso (PREC) marcado pela tentativa de controlo o poder, as pessoas, as empresas e as instituições pelas forças conservadoras da direita (Liliana Machado, 2010). Durante esse período, a imprensa é impactada, entre outros aspetos, pelo o saneamento de funcionários, imposição de alterações de dirigentes na administração e nas redações dos jornais e através da implementação de novas formas de submissão dos trabalhadores (Gomes, 2018). Portanto, depois de décadas de uma imprensa fortemente marcada pela censura segue-se um período de grande volume de acontecimentos resultado de uma sociedade em ebulição que envolveu civis, militares, políticos e também os profissionais dos vários meios de comunicação social. O jornal lisboeta Diário de Notícias foi um exemplo de como esse período de tensão teve influência no modo como a imprensa desenvolveu suas atividades. Bourdieu (1993:33) descreveu o jornalismo como um microcosmo dentro de um macrocosmo que obedece “its own laws, its own *nomos*”. Assim, com intenções de contribuir para um maior entendimento sobre a história do jornalismo em Portugal, este estudo, ainda em curso, propõe fazer uma profunda análise no Diário de Notícias durante o ano de 1975 e verificar como foi afetado pelos acontecimentos da época e como esse periódico e seus profissionais se adaptaram à nova realidade. A metodologia utilizada é uma análise quantitativa e qualitativa das edições do DN entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 1975 partir de consulta em arquivos. O objetivo é identificar e analisar todas as notícias que estejam ligadas ao período revolucionário e que se refiram a jornais e a jornalistas portugueses. Para a codificação desses

dados utilizaremos grelhas de análise com o auxílio do *software* Maxqda organizados em categorias.

## **É GOOOOOOOOOOOOLO! O DISCURSO JORNALÍSTICO DOS JORNAIS DESPORTIVOS PORTUGUESES NA 'HORA' DE NOTICIAR OS TRIUNFOS LUSOS: O CASO DA VITÓRIA DE PORTUGAL NO EURO2016**

**Patrícia Teixeira**

**Inês Aroso**

ICNOVA

UTAD

O Euro2016, e em especial a vitória de Portugal nesta competição, foi um dos eventos mais marcantes em Portugal nos últimos anos, não só em termos desportivos, mas também em termos sociais e culturais. Sendo assim, é natural que todos os meios de comunicação social tenham feito uma cobertura intensiva e extensiva deste acontecimento. Em particular, a imprensa desportiva, na sua vertente escrita, dedicou-se sobremaneira a este momento marcante do futebol português. Normalmente, as notícias sobre este desporto já são aquelas que ocupam um maior número de espaço e de páginas nestes jornais, mas no caso da primeira vitória de sempre de Portugal neste campeonato, esta predominância foi potenciada.

*A Bola*, *O Jogo* e *o Record* são os periódicos portugueses que, regularmente, nos informam sobre aquilo que acontece no mundo do desporto, tanto a nível nacional como internacional. Como tal, são precisamente estes jornais desportivos que estão no foco desta análise e que nos permitirão responder às nossas perguntas de investigação, nomeadamente à questão central de como relataram estes periódicos a vitória de Portugal no Euro2016, que tipo de discurso sobressaiu nas notícias veiculadas e se os três periódicos se aproximaram ou não.

O estudo tem, assim, por objetivo central descrever e comparar o discurso dos três jornais desportivos portugueses – o objeto – no momento de relatar a vitória de Portugal no Euro2016. Para tal, foram considerados os jornais impressos saídos para as bancas nos dois dias

imediatamente a seguir ao acontecimento. Procedeu-se a uma análise quantitativa (análise de conteúdo), efetuada com recurso a categorias definidas previamente, de forma a sistematizar o trabalho. Foram também escolhidos alguns exemplos para ilustrar as tendências discursivas detetadas.

Percebeu-se, principalmente, que o momento e a singularidade do mesmo afetaram a forma de noticiar o acontecimento, nas três publicações.

## HISTÓRIA DA IMPRENSA (VII)

### A IMPRENSA SOBRE MÚSICA EM PORTUGAL, DE MEADOS DO SÉCULO XIX A 1950

Mariana Calado  
CESEM/NOVA FCSH

Em meados do século XIX em Portugal, assistiu-se ao surgimento das primeiras publicações periódicas consagradas a assuntos musicais. Esta situação reflectia não só o desenvolvimento do jornalismo e dos géneros de imprensa, como também do ensino da música e da vida musical no país (nomeadamente a generalização de concertos públicos). Os periódicos de música constituem fonte de informação sobre a vida cultural e musical da época a que dizem respeito e sobre o pensamento estético e ideológico dos indivíduos e grupos que neles colaboravam. Contêm também dados fundamentais para o estudo da História da Música e para estudos de recepção (de obras, compositores, intérpretes, correntes musicais, etc.). Neste sentido, considero ser premente o aprofundamento do estudo de periódicos de música. O trabalho apresentado nesta comunicação, desenvolvido no âmbito de Bolsa de Investigação do CESEM, dá seguimento ao processo de levantamento dos periódicos de música publicados em Portugal entre meados do século XIX e o final da primeira metade do século XX, e ao estudo introdutório realizado por Andrade (1989). Tenho por objectivo perceber os meios de criação e circulação destes periódicos e também etapas de transformação do conteúdo de cada um, colocando a hipótese de que este se

padronizou no final do século XIX. A partir de uma selecção de periódicos, em que se incluem títulos como *Jornal do Conservatório* (1838-1840), *Gazeta Musical de Lisboa* (1872-1876), *O Orpheon* (1886), *A Arte Musical* (1899-1915), *Revista musical* (1902-1903), *Eco Musical* (1911-1931), *Revista do Conservatório Nacional de Música* (1920) e *Ritmo* (1933-1937), irei proceder à análise de conteúdo e observar aspectos relacionados com a estrutura, secções e colaboradores. Em conclusão, creio que a imprensa musical é um género de imprensa que atravessou diversas transformações no período focado nesta comunicação e foi um meio privilegiado para o estabelecimento do debate e afirmação de ideias.

### IMPRENSA PORTUGUESA SOBRE CINEMA: UMA RETROSPECTIVA

Jaime Lourenço  
Maria João Centeno  
CIES/ISCTE-IUL  
ESCS-IPL e ICNOVA)

O Jornalismo de Cinema, considerado um subgénero do Jornalismo Cultural, apresenta-se-nos como um objecto de estudo ainda por explorar nas ciências sociais e da comunicação, nomeadamente em Portugal onde a investigação sobre este subgénero é quase inexistente. Uma vez que o cinema é, de entre as manifestações culturais e artísticas, uma das que tem maior presença nos media portugueses (de acordo com dados do projecto A Cultura na Primeira Página [Baptista, 2014; 2017a]), importa aprofundar a investigação sobre esta prática jornalística.

No âmbito de uma investigação mais alargada, parece-nos fundamental percorrer os principais títulos da imprensa portuguesa sobre cinema que têm acompanhado a recepção do cinema nacional e internacional e que têm sido cruciais para a construção da cultura cinematográfica dos portugueses. A primeira publicação dedicada em exclusivo ao cinema surgiu na década de 1910 e é a partir da segunda metade do séc. XX que se começa a constatar a aceleração do gosto cinematográfico (Barroso, 2008:26) e a consolidação das publicações sobre cinema em Portugal.

Nesta comunicação, através de uma revisão de literatura e análise documental, traçamos a evolução da imprensa portuguesa sobre cinema e analisamos as características dos principais títulos desde as origens do cinema até 2014 (ano em que circulou pela última vez uma publicação portuguesa especializada em cinema).

## **CONTANDO RÉIS: HISTÓRIAS DE JORNALISMO DE DADOS NA IMPRENSA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX**

Ilo Alexandre  
ICNOVA/NOVA FCSH

Jornalismo de dados ganhou muito destaque na última década. Redações ao redor do mundo têm investido cada vez mais nessa prática jornalística, prêmios têm sido criados para a modalidade e a audiência tem correspondido com uma atenção crescente. O tópico também tem despertado um interesse crescente na academia, com investigações sobre a classificação tipológica do jornalismo quantitativo (*quantitative journalism*); trabalhos etnográficos sobre os profissionais dedicados à produção desse material; análises dos diversos processos interativos presentes nas peças de jornalismo de dados; e a receção desses conteúdos pelos usuários. Todavia, histórias contadas com dados ou que surgem a partir deles não é algo novo. Embora existam trabalhos sobre a história do jornalismo quantitativo em outros países, não há ainda muitas investigações sobre o tema em Portugal. Neste trabalho mostramos que desde a Monarquia Constitucional (1820-1910) números e tabelas eram usados para além do simples registo de preço de *commodities*, cotação de moedas ou o horário de partidas e chegadas de navios. São investigações jornalísticas que partem de documentos, estatísticas ou dados para contar histórias de interesse público. Nesta comunicação são analisadas peças do período de industrialização da imprensa portuguesa no século XIX. Matérias de jornais como *O Diário Popular* (1868) e *O Repórter* (1888) trazem histórias contadas com números ou que a partir deles tiveram o seu ponto de partida. Esses exemplos pioneiros de jornalismo de dados mostram que o uso de

dados para a produção de jornalismo investigativo já era disseminado muito antes da invenção dos computadores e da popularização das bases de dados. Este trabalho faz parte de um projeto de investigação mais alargado sobre a história do jornalismo de dados em Portugal.

## **HISTÓRIA DA IMPRENSA (VIII)**

### **QUEBRA DE FRONTEIRAS: CONSEQUÊNCIAS DA INCORPORAÇÃO DE FORMATOS HÍBRIDOS EM *MEDIA* JORNALÍSTICOS**

Cláudia Pereira  
FLUC

São os jornais regionais megafones de informação institucional e de marcas? Com base nesta pergunta, partimos para o estudo da crescente popularidade e influência de narrativas híbridas de informação e publicidade, em órgãos noticiosos de todo o mundo. O objeto de estudo consiste na análise de 2162 peças do *Diário de Coimbra* e de 1964 peças do *Diário As Beiras*, relativas ao setor de empresas e negócios. Verificamos o incumprimento das normas jornalísticas de identificação de conteúdos publicitários e de fontes de informação. Paralelamente, introduzimos os conceitos jornalismo de marca, conteúdos patrocinados e publicidade nativa. Sustentado numa análise de conteúdo, propomos neste estudo uma redefinição de fronteiras e a adoção de um modelo de financiamento como solução para a crise de identidade, económica e de credibilidade do jornalismo.

## **A RETRATAÇÃO DO HORROR SEM IMAGEM ALGUMA: OS INCÊNDIOS DE PEDRÓGÃO COMO UMA VIRADA DE PÁGINA NO JORNALISMO PORTUGUÊS**

**Nilton Marlúcio de Arruda**

UFP

A cobertura dos incêndios em Pedrógão Grande (2017) proporcionou momentos emblemáticos na história jornalística portuguesa. Enquanto uma emissora de televisão utilizou, numa transmissão em direto, a imagem de um corpo coberto por um lençol, dois periódicos impressos apresentaram, nas edições do dia seguinte, uma primeira página sem fotografias e com textos solidários às vítimas da tragédia. O contraste observado nas diferentes narrativas da mesma tragédia foi revelador do poder icônico das imagens, mesmo quando ausentes do noticiário.

Assim, o artigo objetiva analisar as estratégias midiáticas dos três veículos numa comparação entre as diferentes alternativas – explicitação de imagens violentas *versus* denúncia dos fatos sem a exibição dos horrores – à luz dos que pensam os teóricos da imagem e da comunicação a respeito do poder da imprensa na (de)formação da opinião pública. Uma reflexão que abrange desde a ideia de que “jornais tentam alcançar a invisibilidade por excesso de exposição, além de dissolver conteúdos noticiosos” (Perniola, 2004), até a constatação da “imagem como acto icônico” (Bredekamp, 2015).

Metodologicamente, visitam-se teorias sobre Antiguidade clássica grega, onde a imagem mereceu tratamento bastante criterioso, na qual o drama ocorria fora de cena. Posteriormente, fez-se diagnóstico das narrativas jornalísticas contemporâneas a partir da utilização de fotografias nos noticiários. Por fim, aplicou-se aferição de valores ontológicos (compromisso da fotografia com o real), semióticos (signos percebidos pelo leitor e imaginário coletivo) e éticos (comportamento dos fotógrafos e editores dos jornais nas escolhas das imagens publicadas). Objetos de estudo: *Jornal das Oito (TVI)*, impressos *Diário de Notícias* e *Informação*. Resultados esperados: confirmar o impacto jornalístico imagético nos indivíduos, refletir sobre o poder da imagem e responsabilizar os realizadores

das narrativas sobre acontecimentos trágicos. As conclusões reforçam a importância da reflexão sobre a responsabilidade social dos veículos de comunicação quando da utilização de imagens de impacto.

## **DIÁRIO PÚBLICO E O MENINO MORTO NA PRAIA: EDITORIAL PARA TORNAR SUPORTÁVEL UMA IMAGEM INSUPORTÁVEL**

**Nilton Marlúcio de Arruda**

UFP

Para além da impactante superexposição fotográfica, em primeira página, do corpo do pequeno Alan Kurdi, morto numa praia da Turquia, a imprensa portuguesa vivenciou um momento icônico em setembro de 2015: a publicação de um editorial pelo jornal *Público* a justificar a decisão de mostrar aquela cena. Uma confirmação de que o jornalismo, enquanto primeiro esboço da história, provoca significativos impactos sobre a interpretação criteriosa dos indivíduos no que se refere aos grandes acontecimentos da humanidade. Ainda mais representativo quando se utiliza de imagens que podem ser consideradas como retrato definitivo da história. Aquela fotografia tornou-se um símbolo da crise contemporânea dos refugiados que, segundo a ONU no ano de 2015 obrigou cerca de 750 mil pessoas a migrarem ao continente europeu pelo Mar Mediterrâneo. Naufrágios, mortes e sofrimento têm tido regularmente destaques nas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo, inclusive com o suporte de imagens fortes, violentas e de grande apelo persuasivo. Desta forma, o objetivo deste trabalho é, a partir do episódio daquele editorial, analisar criticamente as formas de narrativas com que os periódicos têm feito a cobertura destes acontecimentos mais recentes a fim de mensurar a responsabilidade do jornalismo na construção e na legitimação do imaginário coletivo das pessoas. A pesquisa documental inclui tanto a parte textual quanto a utilização de fotografias determinantes pelos veículos de imprensa. Metodologicamente, o artigo promove uma revisão da literatura, nomeadamente com foco na questão da imagem desde a Antiguidade clássica grega até os autores

do século XX. Platão (sombras e realidades), Aristóteles (retórica), Bredekamp (ato icônico), Barthes (conotação e denotação), Benjamin (fotografia e realidade), Krauss (museologização da imagem), entre outros. Posteriormente, serão realizadas aferições de valores ontológicos, semióticos e éticos daquela fotografia icônica, representante das inúmeras vítimas dos naufrágios de barcos com famílias a fugirem das guerras.